



**CENTRO DE ESTUDO SUPERIOR DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Uma análise
em duas escolas no município de Itaituba- Pará.

LEILIANE BATISTA DA SILVA

SILVA, Leiliane Batista da.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Uma análise em duas escolas no município de Itaituba- Pará.

70fls

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI
Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2017.

Orientador: ProfºDhemesbraene Soares d Silva, Esp.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Uma análise em duas escolas no município de Itaituba- Pará.



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI**

Av. Dr. Governador Fernando Guilhaon, 4ª. Rua-Cidade Alta, Bairro Jardim das Araras 68180-110- Itaituba-Pará.

Telefone (93)3518-4320/ Fax: (93)3518-4319.
Site: www.unifait.edu.br/ E-mail: fai@unifait.edu.br

Acadêmica: LEILIANE BATISTA DA SILVA

TÍTULO: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Uma análise em duas escolas no município de Itaituba- Pará.

Monografia de Graduação apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba, sob a orientação do Profº. Esp. Dhemesbraene Soares da Silva.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____
Profº Francisco Claudio de Sousa, Drº.

Orientadora: _____ **Nota:** _____
Profº Dhemesbraene Soares Silva, Esp.

Avaliador: _____ **Nota:** _____

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 22 de Janeiro de 2016

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ser minha Rocha firme em quem pude confiar em todo o decorrer do meu percurso, ao meu esposo por estar sempre comigo em todos os momentos e a toda minha família pelo companheirismo por acreditar no meu sonho que parecia ser algo tão distante da minha realidade, mas que hoje se tornou real.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado forças para continuar esta jornada, pois parecia apenas um sonho.

Ao meu orientador Dhemesbraene Soares da Silva, pelo suporte em pouco tempo que lhe coube, pelas correções e incentivos. Você é demais, querido professor!

Não poderia deixar de agradecer à todos os professores desta instituição que durante esse percurso puderam transmitir seus conhecimentos que contribuíram bastante para a minha vida no mercado de trabalho.

Agradeço aos meus pais que desde a minha caminhada jamais desistiram do meu sonho. Não posso deixar de relatar do esforço do meu pai que fez o possível para que eu jamais pudesse desistir e que, juntamente comigo, tinha esse tão esperado desejo.

Obrigada às minhas irmãs Lidiane Batista da Silva e Cristiane da Silva Santos e Duarte da Silva Neto que sempre me apoiaram nesta jornada e me fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Ao meu querido esposo Erlonilsom Soares Feitosa. Obrigada pela paciência, amor e dedicação, por entender os meus momentos de ausência, pois sabia que era por um bom motivo. Você foi um presente enviado por Deus para fazer a diferença em minha vida. Obrigada por sempre cuidar da nossa filha com tanto amor no momento em que eu estava estudando.

Ao Drº Francisco Claudio de Sousa pelos ensinamentos e paciência durante minha formação acadêmica. Obrigada pelas brigas com a nossa turma. Sempre levarei os seus ensinamentos para toda a minha vida.

Não posso deixar de agradecer pela minha amiga Joelma Ramos e minha cunhada Irlene Soares Feitosa que sempre estiveram ao meu lado. Você são demais!

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

O espaço educacional não é um privilégio da escola. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco,

o mato, o quintal. Espaço que apenas reúne pessoas e tipos de atividade e onde viver o fazer faz o saber. (GHEDIN, 2012:239)

SILVA, Leiliane Batistada. **DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**: Uma análise em duas escolas no município de Itaituba- Pará. Monografia de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba-Pará. 2017.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os desafios da educação do campo em duas escolas do município de Itaituba/PA, uma vez que nota-se que a educação do campo sempre foi esquecida pelos nossos governantes se isso faz com que todos os envolvidos tenham dificuldades em sua caminhada. O estudo optou-se por utilizar ferramentas teóricas fazendo uso de pesquisa bibliográfica e do campo, em que foram entrevistados seis alunos e quatro professores das escolas do campo sobre a aplicabilidade da pedagogia social em ambiente não Escolar. O presente estudo está baseado em autores que defendem a importância da pedagogia do campo, tais como: MOLINA (2006), CALDART (2003), BRASIL (2007), SOARES (2009), GHEDIN (2012), BRASIL (2005), CASTANHO (1995), MACEDO (2005), SOUZA (2005), LOPES (2004), entre outros.

Palavras-chave: Educação, campo,

LISTA DE SIGLAS

ASSEOAR- Associação dês Estudos Orientação e Assistência Rural do Campo

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

PNA- Programa Nacional de Alimentação

CNE/CEB- Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica

MDA- Ministério do Desenvolvimento Agrário

INCRA- Instituto Nacional da Colonização da Reforma Agrária

PRONERA- Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária

ENERA- Encontro de Educadores da Reforma Agrária

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

UNESCO- Organização das Nações Unidas

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

UnB- Universidade de Brasília

MST- Movimento dos Sem Terra

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

CPC- Centro Popular de Cultura

CCP- Centro de Cultura Popular

UNE- União Nacional dos Estudantes

MEB- Movimento Eclesial de Base

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização

LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 01:** Há quanto tempo você estuda na escola.....
- GRÁFICO 02:** Você gosta da escola em que estuda.....
- GRÁFICO 03:** Como você avalia o trabalho de seus educadores.....
- GRÁFICO 04:** O educador costuma utilizar jogos e brincadeiras durante as aulas que são ministradas.....
- GRÁFICO 05:** O que você pensa a respeito da merenda escolar que é oferecida na escola.....
- GRÁFICO 06:** O que você estuda na escola tem relação com o seu cotidiano.....
- GRÁFICO 07:** Quais os meios de transportes que você utiliza para chegar à escola..
- GRÁFICO 08:** Número de alunos por turma que trabalha.....
- GRÁFICO 09:** Quais os materiais didáticos e estratégias que você mais utiliza durante as suas aulas.....

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 01:** Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta para estudar.....
- QUADRO 02:** Em sua opinião, o que você gostaria que mudasse na escola.....
- QUADRO 03:** Em sua opinião, o que é ser um educador.....
- QUADRO 04:** Você participa dos cursos de capacitação para os professores que trabalham na área rural.....
- QUADRO 05:** Os recursos didáticos disponibilizados pela escola são suficientes para você desenvolver um bom trabalho.....
- QUADRO 06:** Os alunos da sua turma possuem livros didáticos.....
- QUADRO 07:** Quais os maiores desafios que você enfrenta para trabalhar no campo
- QUADRO 08:** Os pais costumam acompanhar a educação escolar dos seus filhos....
- QUADRO 09:** O que você julga ser fundamental para um profissional ocupar essa função.....
- QUADRO 10:** Os professores que trabalham na educação do campo recebem orientação da coordenação pedagógica (supervisor, orientador ou técnico educacional).....
- QUADRO 11:** Você acha que a infraestrutura é adequada para oferecer um ensino de qualidade para os alunos que frequentam a escola.....
- QUADRO 12:** Na sua opinião, o que falta para melhorar o trabalho dos educadores do campo.....

SUMÁRIO

1- TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

- 1.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....
- 1.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....
- 1.3 ASPECTOS LEGAIS PARA AS ESCOLAS DO CAMPO.....

2- UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

- 2.1 MÉTODOS DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS DO CAMPO.....
- 2.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS EDUCADORES DO CAMPO.....
- 2.3 O PERFIL DO EDUCADOR DO CAMPO.....

3- DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE EM DUAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA- PARÁ.

- 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....
- 3.2 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA.....
- 3.3 RESULTADO DA PESQUISA.....
 - 3.3.1 PROFESSORES.....
 - 3.3.2 ALUNOS.....
- 3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

APÊNDICES.....

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando falamos em educação do campo, logo imaginamos pessoas de uma educação pobre, sem cultura e sem identidade, o que podemos desmistificar, pois em comunidades moram pessoas que cultura, com identidade e como muita força de vontade de vencer na vida. O fato é que a sociedade olha para o homem do campo com um olhar errado, o que é muito perigoso, por isso acredita-se também, que é uma fonte de desinformação e outros preconceitos perante o homem do campo e isso na maioria das vezes está impregnado na mente de nossa população, por este motivo a educação do campo deveria ser trazida à tona e discutida claramente para haver superação. Diante de tudo isso pode-se afirmar que é inquestionável a importância da integração social na educação do campo na realidade atual e também devemos quebrar os paradigmas sobre a inclusão da Educação do Campo no Brasil que devem ser conquistados, de forma a tornar a sociedade inclusiva mais dinâmica.

Diante do pressuposto, fez-se imprescindível a construção desse trabalho que tem como objetivo analisar as diversas formas da educação do campo e seus principais problemas que professores e alunos enfrentam no seu dia-a-dia. Os objetivos específicos são: analisar as contribuições da escola do campo para proporcionar a melhoria da realidade local; verificar se os professores tem uma proposta de trabalho voltada para as minimizações das problemáticas das escolas do campo e investigar a formação inicial de educadoras e educadores, que estejam com currículos adequados às necessidades dos sujeitos sociais do campo.

No decorrer da pesquisa algumas questões nortearam este estudo. São elas: Quais as maiores dificuldades que os alunos e professores enfrentam com a educação no campo? Quais são as estratégias e práticas educativas que a instituição escolar e seus membros participantes utilizam no decorrer do ano letivo? As escolas analisadas realizam ações para melhorar a prática educativa na educação do campo?

Os processos metodológicos utilizados para a construção desse trabalho acompanham os princípios e técnicas da abordagem qualitativa, usando o levantamento bibliográfico e posteriormente realizada a pesquisa de campo na qual

foi efetivada em duas escolas do município de Itaituba. O presente estudo encontra-se baseado em alguns autores que abordam o tema da educação no campo com bastante especificidade. Dentre eles, podemos citar: MOLINA (2006), CALDART (2003), BRASIL (2007), SOARES (2009), GHEDIN (2012), BRASIL (2005), CASTANHO (1995), MACEDO (2005), SOUZA (2005), LOPES (2004), entre outros.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresenta-se uma abordagem sobre a trajetória histórica da educação do campo. No segundo foi explicado sobre os métodos de ensino-aprendizagem nas escolas do campo, as práticas pedagógicas dos educadores do campo e o perfil do educador do campo. E por fim o terceiro capítulo discorre da pesquisa sobre a educação do campo em duas instituições do município de Itaituba que são: Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pedro Álvares Cabral e Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Socorro da Mata Martins.

1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

1.1 Histórias da educação do campo:

Pode-se afirmar que no Brasil, a história de luta de educação no campo ainda passa por grandes barreiras e dificuldades, uma vez que, constantemente as escolas rurais sofrem com a má administração política de fechamentos sobrevivendo daqueles que deveriam defender e garantir o direito ao acesso à educação, gerando assim, problemas para as comunidades que necessitam de bastante apoio pedagógico, mas que, infelizmente não encontram o apoio necessário.

Nota-se que o modelo de escola do campo no Brasil segue o mesmo modelo urbano de educação, isto é, não segue a temporada de produção agrícola, nem regionaliza o conhecimento dentro dos limites e possibilidades que a realidade do homem do campo pode oferecer, trazendo consequências trágicas para a área da educação, pois isso faz com essa educação rural não obtenha sucesso naquilo que necessita.

Este modelo elitizado de educação surge nos primórdios do descobrimento do Brasil. Desde a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, em 1500, século XVI, os portugueses tinham como objetivo o de explorar as riquezas que o Brasil poderia oferecer primeiramente o pau-brasil, e isso só seria possível através da catequização, ou seja, alienação ao uso da fé. Quanto ao processo de educação, isso ficou apenas no papel, pois não fazia parte dos planos dos portugueses em educar os povos que habitavam no Brasil. De acordo HENRIQUES:

O modelo escravocrata utilizado por Portugal para colonizar o Brasil e, mais tarde, adotado pelos próprios brasileiros para a colonização do interior do país - de exploração brutal pelos proprietários de terra dos trabalhadores rurais, aos quais eram sistematicamente negados direitos sociais e trabalhistas - gerou um forte preconceito em relação aos povos que vivem e trabalham no campo, bem como uma enorme dívida social.(HENRIQUES et al, 2007: 10).

Nota-se na ideia do autor que, a exploração dos nativos exigiria mão-de-obra, que por sua vez não exigiria educação para concretização da execução da extração de madeira e outros produtos e como forma de pagamento, os portugueses ofereciam qualquer objeto sem grande valia, a pequenos enfeites aos índios. Isso fazia com que os portugueses tornavam-se homens de muitas riquezas e terras e os índios cada vez mais desvalorizados quanto a sua educação. A educação do campo no Brasil, sempre foi relegada a planos inferiores, ou seja, dificilmente teve ou tem apoio dos governantes, por pensar que pessoas do campo não necessitam de um saber mais elevado. Para SANTOS:

No âmbito das políticas públicas para a educação do campo existem inúmeros problemas que precisam ser urgentemente encarados e resolvidos, como por exemplo, a localização geográfica das escolas, gerando enormes distâncias entre estas e a residência do educando/a, os meios de transporte, as estradas, a baixa densidade populacional em alguns territórios rurais, o fechamento de escolas, a formação dos educadores/as, a organização curricular, a pequena oferta de vagas para as séries finais do Ensino Fundamental e Médio, os poucos recursos utilizados na construção e manutenção das escolas do campo. É possível então perceber que diante deste cenário de descomprometimento, as políticas públicas para a chamada “educação rural”, historicamente, teve como objetivo principal, sua vinculação a projetos conservadores e tradicionais de ruralidade para o país.(SANTOS, 2009: 3)

Diante da fala do autor é possível perceber que inúmeros são os problemas da educação do campo e que precisam ser resolvidos urgentemente. Esses problemas vão do espaço geográfico, o que faz com que os alunos tenham certo desânimo de frequentar uma escola, além do mais a falta de meio de transportes, as péssimas condições das estradas, a quantidade de pessoas que moram nas comunidades e isso faz com que as escolas sejam fechadas por não terem números exatos de alunos, a falta de formação para os educadores, falta de materiais pedagógicos, dentre outros, são considerados problemas gravíssimos para a educação do campo, mas que infelizmente, a solução para os mesmos não é uma realidade próxima, pois a educação do campo não é vista como um problema no meio em que vivemos.

No ano de 1932, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que tinha como finalidade diagnosticar e indicar rumos às políticas públicas de educação e aconselhava a organização de uma escola democrática, que

harmonizasse as mesmas oportunidades para todos e que, sobre a base de uma cultura geral comum, possibilitasse especializações para a atividade de preferência intelectual (humanidades e ciências) ou de ascendência anua e mecânica (cursos de caráter técnico) agrupadas em: extração de matérias-primas- agricultura, minas e pesca; elaboração de matérias-primas - indústria; distribuição de produtos elaborados - transportes e comércio. Nessa proposta, as demandas do campo e da cidade eram igualmente consideradas e contempladas.

Ainda neste ano houve a separação entre a educação da classe dos mais ricos e das classes populares, uma vez que foi explícita nas Leis Orgânicas da Educação Nacional, que tinha como objetivo o ensino secundário e normal que seria “formar as elites condutoras do país” e o do profissional seria oferecer “formação adequada aos filhos dos operários”, ou seja, aqueles que necessitam entrar mais certo para o mercado de trabalho por falta de *status* na sociedade.

Na década de 60, com o intuito de favorecer a elite brasileira, sendo que a preocupação estava sendo pelo motivo de que o crescimento do número de favelados nas periferias dos grandes centros urbanos estava sendo exagerada, a educação do campo foi tomada pelo Estado como estratégia de abrangência do fluxo migratório do campo para a cidade. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, em seu artigo 105, estabeleceu que “os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades que mantenham na zona rural escolas capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações profissionais”. Conforme MOLINA:

Educação, cultura, produção, trabalho, infra-estrutura, organização política, mercado etc, são relações sociais constituintes das dimensões territoriais. São concomitantemente interativas e completivas. Elas não existem em separado. A educação não existe fora do território, assim como a cultura, a economia e todas as outras dimensões. A análise separada das relações sociais e dos territórios é uma forma de construir dicotomias. E também é uma forma de dominação, porque na dicotomia as relações sociais aparecem como totalidade e o território apenas como elemento secundário, como palco onde as relações sociais se realizam. Contudo, as relações não se desenvolvem no vácuo, mas sim nos territórios. As relações são construídas para transformar os territórios. Portanto, ambos possuem a mesma importância. (MOLINA, 2006: 30).

A autora faz menção de que as relações sociais e os territórios devem ser analisados em suas completividades. Tanto a educação, como cultura, produção,

trabalho, infra-estrutura, organização política, mercado, são de suma importância dentro de um território do campo. É necessário entender que todos dependem um do outro para a própria sobrevivência, uma vez que todos são de suma importância.

De acordo com RIBEIRO apud HENRIQUES (2007: 11), no mesmo período, ocorreu um vigoroso movimento de educação popular. Protagonizado por educadores ligados a universidades, movimentos religiosos ou partidos políticos de orientação de esquerda. Seu propósito era fomentar a participação política das camadas populares, inclusive as do campo, e criar alternativas pedagógicas identificadas com a cultura e com as necessidades nacionais, em oposição à importação de idéias pedagógicas alheias à realidade brasileira.

Com a instauração do governo militar, no ano de 1964, as organizações voltadas para a mobilização política da sociedade civil – entre elas o Centro Popular de Cultura (CPC), criado no ano de 1960 em Recife-PE; os Centro de Cultura Popular (CCP), criados pela (UNE) União Nacional dos Estudantes em 1961 e o Movimento Eclesial de Base (MEB), órgão da Confederação Geral dos Bispos do Brasil – sofreram um pesado processo de repressão política e policial. Essa repressão resultou na desarticulação e na suspensão de muitas dessas iniciativas.

Diante da alta porcentagem de analfabetismo que o país estava enfrentando, ao mesmo tempo em que dominou os movimentos de educação popular, o governo militar, buscando alcançar resultados imediatamente dimensíveis, instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual se distinguiu como uma campanha de alfabetização em massa, sem compromisso com a escolarização e desvinculada da escola.

Com a ideia de construir um modelo de educação sintonizado com as particularidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias à vida das pessoas que vivem no campo, na década de 1980, as organizações da sociedade civil, principalmente as ligadas ao ensino popular, incluíram a educação do campo na pauta dos debates estratégicos para a redemocratização do país. Segundo HENRIQUES:

Nesse ambiente político, aliando mobilização e experimentação pedagógica, passam a atuar juntos sindicatos de trabalhadores rurais, organizações comunitárias do campo, educadores ligados à resistência à ditadura militar, partidos políticos de esquerda, sindicatos e associações de profissionais da educação, setores da igreja católica identificados com a teologia da libertação e as organizações ligadas à reforma agrária, entre outras. O

objetivo era o estabelecimento de um sistema público de ensino para o campo, baseado no paradigma pedagógico da educação como elemento de pertencimento cultural. (HENRIQUES et all 2007:12).

Para o autor, a união entre esses grupos foi necessária para que houvesse um olhar diferenciado para a educação do campo, uma vez que tinha como meta constituir um princípio público de educação para o campo, baseado no padrão pedagógico da educação como elemento de pertencimento cultural, sendo que essa educação necessita ser de qualidade. Faz-se, portanto, necessário, envolver todos os sujeitos, comunidade e escola na vida e luta social. Junto aos Movimentos Sociais, a escola deve lutar por direitos sociais e educacionais, pela efetivação das Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, que garante as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Superior, como políticas públicas para o povo que vive no e do campo.

Ainda segundo o autor, a partir desse contexto de mobilização social, a Constituição de 1988 firmou o acordo do Estado e da sociedade brasileira em promover a educação para todos, garantindo o direito ao respeito e à adequação da educação às singularidades culturais e regionais. Em complemento, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabelece uma base comum a todas as regiões do país, a ser complementada pelos sistemas federal, estaduais e municipais de ensino e determina a adequação da educação e do calendário escolar às peculiaridades da vida rural e de cada região.

A criação, em 2004, no âmbito do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, à qual está vinculada a Coordenação-Geral de Educação do Campo, significam a inclusão na estrutura estatal federal de uma instância responsável, especificamente, pelo atendimento dessa demanda a partir do reconhecimento de suas necessidades e singularidades.

Diante do pressuposto, percebe-se que as políticas de educação para o campo, e no campo, precisam melhorar, e muito, pois a luta por uma Educação do Campo, configurada como política pública é mais uma estratégia de consolidação dos Projetos Políticos Pedagógicos comprometidos com o desenvolvimento da comunidade e dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico da escola. As Diretrizes Operacionais para as Escolas do Campo garantem a autonomia da

construção do Projeto Político Pedagógico, com especificidades voltadas para os povos do campo.

1.2 Formação de professores para a educação do campo.

Educar, hoje, em todos os sentidos tem sido uma tarefa desafiadora para todos os envolvidos e a educação do campo também não é diferente. Faz-se necessário entender que por trás dos dados estatísticos quanto a essa educação, está um povo brasileiro que vive neste lugar em busca de um sustento para a sua sobrevivência. São pessoas de diversas idades, com diferentes identidades, são famílias que lutam por uma vida digna e que muitas vezes encontram barreiras, existem organizações, comunidades e movimentos sociais que batalham juntos, portanto a perspectiva da educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino.

Diante dessa totalidade, o educador do campo, sendo um profissional que trabalha com pessoas em situação de vulnerabilidade social, os quais são participantes de programas e projetos sociais. Esse profissional além de desenvolver um respeito real e transparência na sua forma de ser, necessita ser uma pessoa que esteja disposta a enfrentar junto com esse povo toda essa luta para que possam conquistar todos os seus direitos para sobreviver. KOLLING em sua complexidade diz que:

Educador é aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja ela na escola, na família, na comunidade, no movimento social, seja educando as crianças, os jovens, os adultos ou os idosos. Nesta perspectiva todos somos de alguma forma educadores, mas isto não tira a especificidade desta tarefa: nem todos temos como trabalho principal o de educar as pessoas e o de conhecer a complexidade dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano, em suas diferentes gerações.(KOLLING, 2002: 26)

Segundo o autor, o papel do educador em muitos lugares é de suma importância, pois eles têm sido sujeitos importantes da resistência de lutas,

especialmente nas escolas e que têm estado à frente de muitas batalhas pelo direito à educação.

O educador do campo é aquele capaz de realizar a reflexão na ação sobre a ação e dessa forma estar ligado constantemente com o cotidiano, com a realidade, compreendendo sempre seu trabalho com ato de emancipação, político, crítico, produtivo, produzido nas relações com os outros sujeitos, nas experiências e reflexões produzidas e reveladas como possibilidade de avançar no seu fazer pedagógico. Sua identidade é do profissional inovador, criativo, prospectivo, pesquisador, investigativo, capaz de lidar com as diferentes situações que se apresenta. De acordo CALDART:

A tarefa principal do coletivo de educadores é exatamente garantir o ambiente educativo da escola, envolvendo educandos e também a comunidade em sua construção. Para isto precisa ter tempo, organização e formação pedagógica para fazer a leitura do processo pedagógico da escola (relacionado, como vimos, ao processo pedagógico que acontece fora dela), assumindo o papel de sujeito do ambiente educativo, criando e recriando as estratégias de formação humana e as relações sociais que o constituem. Isto quer dizer avaliar o andamento do conjunto das atividades da escola, acompanhar o processo de aprendizagem/formação de cada educando, autoavaliar sua atuação como educadores, planejar os próximos passos, estudar junto. (CALDART, 2003:16).

Para a autora, não há como ser sujeito de um processo como este sem uma formação diferenciada e permanente. É preciso aprender a refletir sobre a prática, é preciso continuar estudando, é preciso se desafiar a escrever sobre o processo, teorizá-lo. Por sua vez, os educadores precisam ter alguma forma de acompanhamento externo que ajude a dinamizar o seu processo de formação e a chamar a atenção para aspectos que a rotina do cotidiano já não deixa enxergar. Diante disso podemos afirmar que o educador do campo é aquele profissional que tem um olhar diferenciado diante das circunstâncias que lhe são apresentadas, é o profissional que tem sensibilidade social, pois todo o dia depara-se com pessoas em situações de riscos.

A falta de uma política pública de formação conectada a fatores de ordem cultural e social possibilitam limitação para a vivência de um conjunto de situações didático-pedagógicas a serem vivenciadas nos espaços educativos, nas escolas e no cotidiano do campo. Essa realidade determina situações de várias ordens que dificultam o desenvolvimento do trabalho pedagógico na perspectiva da educação do

campo, que resultada falta de oportunidades para estudar e os obstáculos enfrentados na escolaridade do campo.

Infelizmente a formação dos professores para o campo não existiu na história da educação brasileira. Ela teve como modelo, o parâmetro urbano, experiências urbanas, currículos urbanos, além de condições precárias de trabalho, baixo salário, conforme salienta o documento do Ministério da Educação.

[...] as condições de trabalho dos profissionais do magistério permanecem precárias. No caso específico da área rural, além da baixa qualificação e dos salários inferiores aos da zona urbana, eles enfrentam, entre outros problemas, sobrecarga de trabalho, alta rotatividade e dificuldade de acesso à escola, em função das condições das estradas e da falta de ajuda de custo para a locomoção. (BRASIL, 2007:33).

Nesse sentido, a formação docente nas escolas do campo é bastante precária, sendo até hoje objeto de estudos que destacam vários problemas, tais como: os poucos anos de escolaridade; a falta de propostas de formação continuada por parte dos órgãos que gerenciam o sistema de ensino, inadequação supletiva para professores das zonas rurais, crianças que vivem com a família em estado de emergência, prédios escolares em estados precários, dentre outros.

Pode-se afirmar que esses problemas, infelizmente, estão longe de serem resolvidos, ou seja, uma realidade distante para essa população e que quanto mais os anos vão se passando, mais agravantes vão ficando essas dificuldades. Para que esses problemas possam, aos poucos, serem solucionados, necessita-se de que os Projetos Políticos Pedagógicos saiam do papel e partam para a realidade deste povo, é preciso que os governantes possam olhar com olhares diferenciados para a educação do campo, tanto para os alunos, quanto para os educadores, uma vez que todos precisam de uma valorização mais justa.

Faz-se necessário que o professor tenha uma boa formação, pois os seus atos serão sentidos no decorrer do exercício, será sentido nas séries iniciais e se eternizado por toda a trajetória do conhecimento humano, sendo assim a formação do professor deve ser edificada sobre uma base consistente, com fundamentos e que legitimamente habilite os professores que são os formadores de opinião da nossa sociedade.

O professor precisa está formado para dar conta do aprendizado e por isso se faz de extrema importância que ele tenha uma consciência política, para que possa

dialogar de uma melhor forma com o campo, com os seus movimentos sociais, para que possam conhecer essa realidade com mais cuidado e atenção, o que se quer não é a aceitação dessas ideias, mas sim que este profissional conheça e compreenda melhor essa realidade. Para SOARES:

No ensino o professor deve estar voltado para promover uma visão crítica e por sua vez reflexiva, que é uma superação do método tradicional ainda muito comum no cotidiano escolar. Desta forma o professor deve estar formado em uma perspectiva crítica, uma visão política da realidade para que possa efetivamente construir e reconstruir o conhecimento com a participação dos alunos, e de todos aqueles envolvidos no processo da educação. (SOARES, 2009:5)

Diante da fala da autora, é possível afirmar que o desafio atual para o professor é compreender a importância do seu papel na sociedade capitalista, ele precisa de uma formação com nova práxis, em que possa desenvolver junto aos seus alunos uma educação crítica, reflexiva, emancipatória e cidadã. O professor não pode ser o centro do saber, mas, sim assumir responsabilidade junto com os alunos, pois ele não é o único a ter conhecimento, mas todos que estão inseridos no contexto escolar.

O professor necessita dialogar com os alunos descobrindo junto com os educandos o desconhecido, ou seja, ele deve promover o ensino numa perspectiva socioconstrutivista. Ele deve criar meios para que todos possam participar, para que possam crescer intelectualmente juntos, fazendo análises críticas e por sua vez também reflexivas, assim todos participam do processo da educação e não só o professor.

Acredita-se que para que haja uma mudança nas ações educacionais voltadas para o meio rural faz-se necessário aperfeiçoar profissionais com uma visão ampla do fenômeno educativo, que beneficie a percepção das relações de poder e dos jogos de interesses presentes na sociedade capitalista, que produz as desigualdades para a manutenção dos seus privilégios. Para tanto, é indispensável o engajamento político desses profissionais na luta cotidiana por uma educação que respeite a singularidade do povo brasileiro, em especial, os costumes e a cultura da população do campo, auxiliando-os no processo de afirmação de sua identidade e desenvolvimento de suas potencialidades.

1.3- ASPECTOS LEGAIS PARA AS ESCOLAS DO CAMPO.

A educação do campo tem o compromisso com a vida, com a luta e com o movimento social que está buscando construir um espaço onde possamos viver com dignidade. A escola, ao assumir a caminhada do povo do campo, ajuda a interpretar os processos educativos que acontecem fora dela e contribui para a inserção de professor e aluno na modificação da sociedade.

Quando o assunto é legislação do campo, pode-se afirmar que ela deu-se início na década de 60, quando a educação do campo é citada na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional do ano de 1961.

Em meados da década de 60, com o objetivo de atender aos interesses da elite brasileira, então preocupada com o crescimento desenfreado de favelados nas periferias dos grandes centros urbanos, a educação rural foi iniciativa tomada pelo Estado como tática de diminuição do fluxo migratório do campo para a cidade. (Brasil, 2007: 11).

Mesmo sabendo que a luta pela elaboração e concretização de uma política pública para Educação do e no Campo no Brasil é algo que tem sido discutido há muito tempo, no entanto, ela passou a ganhar destaque apenas a partir da década de 1990, período no qual a educação passa a ser o centro dos debates. As discussões a respeito da diversidade cultural e do apelo à elaboração de políticas públicas focalizadas para setores considerados vulneráveis e marginalizados, como é o caso da educação do campo vem ganhando destaque em vários debates que ocorrem pelo Brasil, uma vez que a educação do campo, com o passar dos anos passou a ser visto diferente pelas pessoas envolvidas.

A Câmara da Educação Básica – CEB, no cumprimento do estabelecido na Lei nº 9131/95 e na Lei nº 9394/96 – LDB, elaborou diretrizes curriculares para a educação infantil, o ensino fundamental e o médio, a educação de jovens e adultos, a educação indígena e a educação especial, a educação profissional de nível técnico e a formação de professores em nível médio na modalidade normal. (Brasil 2012: 7).

Pode-se afirmar que a orientação estabelecida por essas diretrizes, no que se refere às responsabilidades dos diversos sistemas de ensino com o atendimento escolar sob a ótica do direito, implica o respeito às diferenças e a política de igualdade, tratando a qualidade da educação escolar na perspectiva da inclusão.

Nessa mesma linha, o presente Parecer, provocado pelo artigo 28 da LDB, propõe medidas de adequação da escola à vida do campo.

De acordo com os (PCNs) Parâmetros Curriculares Nacionais, contido em seu artigo 28 das Leis de Diretrizes e Bases, institui as seguintes leis:

Na oferta da educação básica para a população rural. Os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III adequação à natureza do trabalho na zona rural. (LDB, 1996)

De acordo com a Lei nº 9.394/96, a educação do campo precisa ser de acordo com as necessidades das pessoas que fazem parte deste sistema, sendo que esta adaptação precisa ser feita conforme cada região, ou seja, os conteúdos educacionais e suas metodologias aplicadas necessitam ser apropriadas às necessidades e interesses de cada aluno, o calendário escolar precisa ser feito segundo as condições do clima e o plantio, e adequação à natureza do trabalho na zona rural de acordo com as atividades e tarefas desenvolvidos na comunidade.

Vale a pena ressaltar que diante de tantas lutas, debates, seminários, etc., muita coisa ainda falta para ser modificada. Muitas conferências ocorreram em prol da educação do campo, como é o caso da I Conferência Nacional “Por uma Educação Básica do Campo”, que tinha como objetivo garantir que todas as pessoas do meio rural pudessem ter acesso a uma educação de qualidade, voltada aos interesses da vida do campo e contou com o apoio MST(Movimento dos Terra), UnB (Universidade de Brasília), UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura e CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Esta Conferência é considerada um marco para o reconhecimento do campo enquanto espaço de vida e de sujeitos que reivindicam sua autonomia e emancipação. Na ocasião foram debatidas as condições de escolarização diante dos problemas de acesso, manutenção e promoção dos alunos; a qualidade do ensino; as condições de trabalho e a formação do corpo docente, além dos modelos pedagógicos de resistência que se destacam enquanto experiências inovadoras no meio rural. Nisto está em jogo o tipo de escola, a proposta educativa que ali se

desenvolve e o vínculo necessário desta educação com uma estratégia específica de desenvolvimento para o campo.

Para MOLINA, CALDART e ARROYO:

Um primeiro desafio que temos é perceber qual educação está sendo oferecida ao meio rural e que concepção de educação está presente nesta oferta. Ter isto claro ajuda na forma de expressão e implementação da nossa proposta. A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz. (MOLINA, CALDART e ARROYO, 2011: 23).

Pode-se perceber que é evidente que a luta por uma Educação do campo não tem fim, é algo que vai além de protestos por reformas nas escolas, por professores qualificados, mas sim, uma educação de qualidade para um povo que muitas vezes precisou ficar calado, e por este motivo, não tem sua identidade reconhecida. Ainda é possível acreditar em uma escola que desperte os sonhos de nossa juventude, que cultive a solidariedade, a esperança, o desejo de aprender e ensinar sempre e de transformar o mundo em que vivemos.

Entre tantas medidas que foram tomadas em diversos espaços públicos de debate sobre a educação do campo, no ano em 1997 foi realizado o I Encontro de Educadores da Reforma Agrária – I ENERA, que foi organizado pelo MST (Movimento dos Sem Terras) e teve como apoio a Universidade de Brasília – UnB, entre outras entidades, na qual foi lançado um desafio: pensar a educação pública para os povos do campo, levando em consideração o seu contexto em termos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Durante este evento foram colocadas em pautas as reflexões e práticas pedagógicas possíveis para o meio rural. Utilizava-se uma nova perspectiva de pensar a Educação do Campo, descentralizando as discussões nos estados e municípios e que foi considerado um grande avanço, pois permitiu a participação popular na construção de idéias e discussões que influenciariam as políticas públicas do país e que levaram à modernização na educação no Brasil. Para as autoras SOUZA e REIS:

A LDB tem como objetivo levar as pessoas a repensar a educação para a população rural, tal como tem sido praticado nas redes públicas, trata-se de questionar a prática pedagógica e traçar metas para a educação das pessoas do campo, que se propõe pelos Parâmetros Curriculares Nacionais contidos na Nova LDB. Levar cada um a refletir os fundamentos da modernidade na educação no Brasil.(SOUZA e REIS, 2009: 26)

Portanto, de acordo com a ideia das autoras, pretende-se que a pessoa compreenda mais os homens do campo, não só como alguém oprimido e desesperançado, mas, acima de tudo, que os veja como um ser humano que luta e resiste das mais diversas formas, como qualquer um de nós considerado como uma Pessoa no setor urbano, pois são pessoas que necessitam de uma vida digna, de uma educação de qualidade.

Outro aspecto de tamanha relevância se dá em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria nº. 10/98. Foi criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, ou seja, um compromisso firmado entre o Governo Federal, as instituições de ensino, os movimentos sociais, os sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, governos estaduais e municipais, vinculado ao gabinete do Ministério Extraordinário da Política Fundiária. Em 2001, o Programa passa a fazer parte do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, no MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Em 2002 foi aprovada a Resolução CNE/CEB Nº. 01 de 03 de abril que instituiu as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo, consolidando um importante marco para a história da educação brasileira e, em especial, para a educação do campo. Todavia, a lentidão fez com que as políticas de direito não alcançassem proporções significativas e se efetivassem concretamente nas escolas do campo de toda a sociedade brasileira.

De acordo com esta Lei, BRASIL (2012: 33), declara:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo a serem observadas nos projetos das instituições que integram os diversos sistemas de ensino.

Art. 2º Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal.

Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorados e na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. BRASIL (2012: 33)

É possível compreender que esta lei busca encontrar estratégias nas quais proporcione uma educação de qualidade para todos os sistemas de educação, ou seja, educação infantil, jovem e adulto; educação especial e indígena, educação profissional de nível técnico e também uma formação de qualidade aos professores, objetivando um ensino contextualizado na medida em que permite aos alunos dá sentido ao que está aprendendo por meio da prática, como afirma o inciso 1º da Resolução de nº 001/2010 do Conselho Estadual do Estado do Pará que diz: “Será permitida a organização de experiências pedagógicas, admitindo-se para a Educação do Campo, a utilização de metodologias e duração diferenciadas, desde que aprovadas pelo Estadual de Educação.”

Sobre a proposta pedagógica das escolas do campo a Resolução nº 001 de 05 de janeiro de 2010 do CEE/ PA afirma apud PAIVA (2015: 18):

Art 100. As propostas pedagógicas das Escolas do Campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade, deverão observar o disposto nos artigos 6º e 9º desta Resolução, além de contemplar a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, etnicorraciais, econômicos, de gênero geração e etnia.

Parágrafo único: Para observância do estabelecimento neste artigo, as propostas pedagógicas das escolas do campo, elaboradas no âmbito da autonomia dessas instituições, serão desenvolvidas e avaliadas sob orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e a educação profissional de nível técnico e, no que couber, pelas disposições constantes da presente Resolução.

Segundo a autora, as práticas educativas são resultantes de uma forma de pensar, agir e reconstruir a realidade guardada no interior da nossa história enquanto sujeitos fazedores de uma prática social. Assim a tendência de cada educador revelada em sua prática é específica dessa ou daquela contribuição histórica que viveu e a qual defende consciente ou inconsciente do cunho filosófico, político, pedagógico e ideológico refletida na ação pedagógica que acontece em qualquer relação, sejam na associação, sindicato, escola, família, trabalho.

Apesar de a educação do campo obter um avanço significativo em todo o seu período de existências, pode-se afirmar que ela ainda é vista de maneira negativa em relação ao sistema educacional brasileiro, e por decorrência, existe o sofrimento com a deficiência e a ausência de progressos na educação básica, como exemplo podemos citar vários, tais como: a merenda escolar, que segundo a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, que diz respeito ao (PNA) Programa Nacional de Alimentação Escolar que destaca a importância aos costumes alimentares da população reconhecendo-se a alimentação como um direito e um bem público (Art. 2º, Inciso I, Lei 11.947/2009). Não podemos esquecer também sobre o transporte escolar dos alunos, uma vez que muitos estão em estado de calamidade, sem o total desconforto para que as crianças possam utilizar com segurança. No Título III, do Direito à Educação e do Dever de Educar - Art. 4º a Lei determina:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: VIII - atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Embora a LDB deixe claro o Direito à Educação e de Educar a todos, e que muito tenha sido feito pelos órgãos públicos, muitos desafios ou entraves ainda precisam ser enfrentados e resolvidos pela sociedade - comunidades de educadores, pais; etc. A inclusão educacional dos estudantes da zona rural constitui-se num desses desafios.

A Resolução nº 40, de 26 de julho de 2011, dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo) para as escolas do campo. Com o objetivo de ampliar as condições de desempenho dos professores das escolas nas comunidades situadas em áreas rurais, em consonância com as políticas nacionais voltadas para a educação do campo, principalmente adequado às classes multisseriadas e às turmas seriadas do campo.

Diante do que foi exposto, a peleja pela educação no campo deve refletirem primeiro lugar na formação de todos os dependentes desse meio. Uma formação exclusiva e, conseqüentemente com procedimentos específicos para uma melhor condição de vida dos trabalhadores e moradores do campo. Sendo assim, analisa-se que o sujeito do campo tem que se libertar dos estereótipos que estão enraizados por outras culturas e se valorizar podendo assim fazer parte de um processo

emancipatório, ou seja, o campo necessita de políticas públicas de incentivo e de propostas educacionais relacionadas ao interesses dos sujeitos do campo e que esse debate também seja feito com eles para saber como eles querem essa educação, uma vez que eles são os mais envolvidos neste contexto.

2 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

2.1 MÉTODOS DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS DO CAMPO.

Os métodos de ensino e aprendizagem nas escolas do campo interferem diretamente no desenvolvimento econômico, social e sustentável das áreas rurais, porque ao mesmo tempo em que a escola trabalha com esses princípios básicos, desenvolve também princípios de coletividade, inclusão e respeito entre todas as famílias do campo, portanto, faz-se necessário trabalhar a educação do campo nesse sentido porque produz um aumento na qualidade de vida de todos os envolvidos, sendo que a escola para manter-se articulada com a realidade, é preciso que as crianças estudem assuntos que estejam interligados com sua vida prática e com suas reais necessidades no meio em que vive. (MOLINA), destaca:

A produção pedagógica dos movimentos sociais aponta para uma educação que reforce os princípios da liberdade, das autonomias dos sujeitos, da construção de condições democráticas e solidárias, compreendendo o campo como o lugar do pensar diverso, do exercício de saberes e de temporalidades, da resistência, do compartilhamento de sonhos e utopias, de recriação de pertencas e identidades, da valorização e emergência da cultura camponesa. Essa produção está no cerne do processo de construção de um projeto político e pedagógico a partir dos seus sujeitos, que tem sentimentos, desejos, rostos, histórias de vida e de luta, a partir da realidade particular dos camponeses, que é a sua materialidade de vida, a situação de pobreza em que muitos se encontram a ausência de políticas públicas de saúde, de moradia, de educação, a ausência de políticas nacionais e regionais articuladas a um modelo de desenvolvimento que eleve as condições de vida desses camponeses, e do campo como um todo, sem destruir seus vínculos de pertença com a terra, a floresta, as águas.(MOLINA, 2006: 55)

Para a autora, a organização do trabalho pedagógico necessita da compreensão do significado da organização dos sujeitos por coletivos sociais. Nesses coletivos há possibilidades do exercício de uma formação humana menos individualista e que projete ações pensando, não somente, no crescimento de cada

um, mas principalmente, como os sujeitos coletivamente, pois todos os conhecimentos que as crianças aprendem na escola servem para que elas possam compreender melhor o real mundo em que vivem.

Vale à pena ressaltar que o processo metodológico aplicado na educação rural necessita ser de acordo com a realidade dos alunos, sobretudo, pelos diversos problemas existentes em seu meio, e precisam acima de tudo ter um apoio em diferentes recursos, não levando apenas para dentro da sala de aula o material didático, que não deixa de ser importante. Para que esses alunos consigam obter sucesso na educação, faz-se necessário que eles participem também da solução dos problemas que este mundo apresenta, não apenas no contexto do campo, mas também no contexto da cidade, pois muitas vezes os conteúdos programáticos se distanciam da realidade concreta dos estudantes e isso faz com que os mesmos não participem das aulas que são ministradas pelos professores, e isso acaba gerando problemas no sistema educacional.

A proposta educacional dos Movimentos Sociais do Campo, a produção de conhecimento deve ser dinâmica, realizada através de um diálogo que permita, ao educando, a apropriação de novos conceitos, mas não é demais acrescentar que as práticas desenvolvidas no contexto da relação educador e educando também estão associadas e dependem de outros aspectos, ou seja, é necessário um envolvimento constante com a educação, por meio de projetos educativos que trabalhem a construção do conhecimento, a fim de que o sujeito passe a ser educado para o exercício da cidadania, além de ter uma inclusão competente e atuante dentro da sociedade. A autora MACHADO defende a ideia de que:

O trabalho pedagógico depende das condições humanas, materiais e históricas. Depende de um projeto de educação, de escola, que não poderá ser pensado sem um projeto de nação e desenvolvimento. Toda vez que ignoramos ou descartamos a dimensão histórica das definições teóricas, suas influências ideológicas e da luta política, tanto melhor para aqueles que detêm o poder sobre o *status quo* e tanto pior para os que desejam compreender as possibilidades de desenvolvimento humano numa perspectiva revolucionária. Tendo claro que as práticas pedagógicas estão inseridas em uma totalidade, passamos às reflexões inspiradas em nossas pesquisas. (MACHADO, 2008:86)

Para a autora, a exploração de práticas pedagógicas relacionadas com a realidade do campo é o ponto de partida, o chão onde se planta e se constrói; um

chão que é transformado pela ação da reflexão, do estudo cada vez mais rigoroso e comprometido socialmente. Tais práticas já foram trilhadas, reunindo um número consistente de experiências e registrando teorias que vão sendo revisadas e consolidadas.

No tempo escola, todos os conteúdos considerados pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), são trabalhados em concordância com as necessidades locais ou que considere os eixos norteadores da pedagogia da alternância. A escola ao adotar a pedagogia da alternância, precisa reorganizar o planejamento dos professores que passa ser coletivo por área de conhecimento, tornando o entendimento do aluno mais complexo. Quando a escola desenvolve um trabalho por alternância, estimula e apoia o desenvolvimento da agricultura familiar local, incorpora novas culturas econômicas viáveis ecologicamente e sustentavelmente a população, respeitando suas tradições e conhecimentos dos trabalhadores.

É válido lembrar que o aluno quando vai para dentro da sala de aula, leva consigo uma bagagem de aprendizagem e que não pode ser descartada em hipótese alguma pelos professores, mas sim, necessita ser trabalhada sempre levando em consideração e contextualizando com a vida escolar do educando.

Lembrando que vale a pena destacar que as práticas educacionais desenvolvidas na educação do campo, devem também buscar refletir cenários futuros. O futuro como possibilidade é uma força que provoca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. A esperança fundamental nos seres humanos ressurgir quando se trabalha com cenários do imaginário almejado, com os sonhos e os anseios do grupo.

Os educadores precisam repensar criticamente quanto as suas práticas dentro das escolas rurais, uma vez que a educação do campo é bastante abrangente; necessita responder às necessidades de atendimento ao direito a educação para todos os povos, pois vai além da reprodução de conhecimentos e informações. Desta maneira, fica claro que a educação do campo não pode ser conteúdos quebrados, ou seja, ideias soltas, sem relação entre o cotidiano do aluno, mas para que isso aconteça, a escola necessita cumprir o seu papel quanto a sua ação educacional, levando a crer que ela vai formar cidadãos críticos para a sociedade. Os conteúdos precisam ter coerência entre a teoria e prática, objetivo entre o que se estuda e o ambiente cultural da escola.

Segundo KOLLING, NERY e MOLINA apud BRANDÃO:

A educação do campo, a partir de práticas e estudos científicos, deve aprofundar uma pedagogia que respeite a cultura e a identidade dos povos do campo; tempos, ciclos da natureza, mística da terra, valorização do trabalho, festas populares, etc.(KOLLING, NERY e MOLINA apud BRANDÃO, 2011: 8)

De acordo com a ideia dos autores, as necessidades educacionais do campo, por meio das escolas, precisam desenvolver uma pedagogia debatedora dos problemas concretos do homem, tais como: fome, despejo, perseguição, ameaças, medo, prisão, injustiça, dentre outros. Quando isso acontece, ela desenvolve a consciência dos camponeses e intelectuais e transforma educadores, educando e pesquisadores em sujeito da educação do campo.

A Educação do Campo discute e analisa democraticamente a realidade, respeitando os alunos e suas histórias de vida e família, períodos de produção, geografia da região, comercialização e situações sociais, políticas, econômicas e culturais. Estuda, discute e questionam as políticas neoliberais contidas nos materiais didáticos, assim como a organização, os movimentos, os conflitos e as necessidades sociais, políticas e econômicas do campo. Na Educação do Campo trabalha-se pedagogicamente com o diálogo, a análise da conjuntura e estrutura.

A metodologia da Educação do Campo – comparando-se com a metodologia da educação rural – é democrática e participativa. É resultado de práticas exercidas pelo povo, sem interferência de governos.

Ao contrário do que muitos pensam a educação do campo não é simplesmente um entretenimento, um passatempo, mas dispõe de objetivos específicos a serem alcançados no lugar em que está inserido. A educação do campo, quando de fato desenvolvida, contribui para o acréscimo da consciência social, filosófica, crítica, política, econômica e cultural.

Vale a pena ressaltar, que o educador rural quando atua isoladamente, ou sejam sem o auxílio de outras pessoas, o mesmo está sobrecarregando sua atividade profissional na busca de soluções que são de responsabilidade de toda a escola, da comunidade, e por que não dizer, de toda a sociedade. Por tanta, fica claro que as atividades educacionais no campo, necessita ser desenvolvida com todos os envolvidos para que haja êxito.

Para os autores MOLINA, CALDART e ARROYO:

Educadores e educandos, educadoras e educandas constituem a coletividade da escola, e é esta coletividade a responsável pela construção (permanente) do ambiente educativo. Mas nossa prática nos ensina que da mesma maneira que precisamos garantir espaços próprios dos educandos, para que desenvolvam mais rapidamente sua capacidade organizativa e seu pensamento autônomo, também é necessário garantir uma organização própria dos educadores, em alguns lugares chamados de coletivo pedagógico da escola, responsável pela direção do processo pedagógico como um todo. (MOLINA, CALDART e ARROYO 2011: 123-124)

De acordo com a fala dos autores, nenhum educador tem o direito de atuar individualmente, por sua conta e sob sua responsabilidade, uma vez que ninguém consegue ser educador sozinho. O processo pedagógico é um processo coletivo e por isto precisa ser conduzido de modo coletivo, enraizando-se e ajudando a enraizar as pessoas em coletividades fortes.

Construir o ambiente educativo de uma escola é conseguir combinar num mesmo movimento pedagógico as diversas práticas sociais que já sabemos ser educativas, exatamente porque cultivam a vida como um todo: a luta, o trabalho, a organização coletiva, o estudo, as atividades culturais, o cultivo da terra, da memória, dos afetos, enfim. Numa escola este movimento se traduz em tempos, espaços, formas de gestão e de funcionamento, métodos de ensino e opções de conteúdos de estudos, processos avaliativos, jeito de relação entre educandos e educadores.

Trata-se de um jeito de pensar e de fazer a escola que se produz da lição de que não se pode centrar um projeto educativo em uma só pedagogia ou em um só de método de ensino e aprendizagem, por mais educativa que ela seja. Não há uma metodologia capaz de se concentrar em si mesma, e de uma vez para sempre, todas as potencialidades educativas necessárias à formação humana multidimensional. É o movimento das práticas e da reflexão sobre elas que constitui o movimento pedagógico que educa os sujeitos.

Enfim, a educação rural precisa assim ser repensada e replanejada pedagogicamente, pois a reprodução de conteúdos fora da realidade social destes povos prejudica a formação dos educandos, empobrece a inteligência e a consciência, prejudicando-os como seres humanos e cidadãos de direito.

2.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS EDUCADORES DO CAMPO.

A educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena. Todavia, toda educação se dá em meio a relações sociais. Numa sociedade em que essas relações se dão entre grupos sociais desfavoráveis, com diferentes interesses, em relações de exploração de uns sobre outros, a educação só pode ser crítica, pois a humanização plena implica a modificação dessas relações. A prática do professor está dividida em dois espaços, o primeiro é o da prática educativa e o segundo é o da prática pedagógica. No primeiro caso, à construção de uma prática pedagógica se dá no âmbito das relações sociais individuais e coletivas permeadas por uma intencionalidade. No segundo caso, as práticas sociais promovem a construção das práticas educativas e fundamentam-se na divisão de classe e na relação oprimido e opressor, a prática educativa não pressupõe exclusivamente a escola, mas a educação dentro e fora dela.

O ambiente educativo nasce desta leitura do movimento pedagógico que acontece fora da escola, nas práticas sociais, nas lutas sociais, e que precisa ser retrabalhado dentro da escola, de modo que produza e não apenas reproduza aprendizados necessários à formação dos sujeitos que ali estão. Existe um movimento pedagógico, que é próprio da escola, mas que não se constitui senão vinculado ao movimento pedagógico das relações sociais que acontecem fora dela.

Considerando a ideia do autor GHEDIN:

Então, a educação deve ser uma prática refletida. Um discurso teórico-prático em que se dê a vivência cotidiana do fazer-ser pedagógico. A política não é só uma ação e a Educação não é só uma prática, mas ambas devem ser ações reflexões, conduzindo o educador-educando a um pensar sobre a transformação de si e da sociedade que está em constante mutação. A proposta por uma educação política quer ser um caminho para o fazer-ser pedagógico: a construção de um projeto pedagógico capaz de gerar libertação política. O ato pedagógico é um ato político que só é autêntico quando for libertador das estruturas de uma sociedade opressora e repressora da liberdade humana. (GHEDIN, 2012:47).

Para o autor, a prática pedagógica só é possível porque é uma prática específica que se relaciona dialeticamente com as ideias pedagógicas, ligada

intimamente ao ato político consciente. Dessa forma, a relação existente entre reflexão, método e contexto é fundamental para a educação como processo político, pois a prática pedagógica é uma prática política que deve tornar-se uma práxis como ação-reflexão-ação transformadora do mundo.

A escola necessita de uma equipe de professores habilitados, para assim desenvolver o seu papel educacional, devendo organizar-se segundo uma estrutura adequada aos fins a que se recomenda. Sabe-se que dentro de uma instituição educacional existem vários papéis a serem desenvolvidos em diversos setores, tais como: procedimentos didáticos pedagógicos, prestação de contas, aulas, horários, registros de resultados, organização das atividades escolares, relatórios aos sistemas de ensino, prestação de contas, dentre outras. Para que haja um desempenho dessas atividades pedagógicas, necessitam, portanto, de professores qualificados em cada área.

O educador do campo deve ser um pesquisador dos processos e das práticas educativas, históricas e culturais, um profissional que analisa as variações sócio-educacionais, visando objetivar as propostas inclusivas da contemporaneidade na educação e, também são desafiados constantemente pelas mudanças sociais, políticas e culturais que exigem desse profissional a compreensão de prática pedagógica que pretende muito mais do que a simples reprodução cultural hegemônica dominante, respeitando e valorizando todas as formas de expressão cultural.

O docente, por sua vez, assume a função de especialista em educar, produzir e reconstruir conhecimentos nas diversas áreas educativas com a cultural, a social e a pessoal. Esse profissional tem, portanto, como finalidade formar seres autônomos e capazes de agir e pensar como sujeitos transformadores da sua realidade. Logo, analisar a prática pedagógica, possibilita entender o papel que temos em aprender, compreender, ensinar e, acima de tudo, mediar as diferentes relações existentes no âmbito educacional. Sobre isso CASTANHO, explica:

É necessário que o educador faça a articulação entre objetivos e conteúdo, decidindo sobre os graus (ou níveis) de profundidade em que trabalhará cada unidade. Trata-se de pensar radicalmente essa relação objetivo-conteúdo, procurando descobrir como ajudar a crescer. Numa verdadeira relação pedagógica o crescimento é mútuo: o professor cresce e o aluno também. (CASTANHO, 1995:63)

Pode afirmar que a problemática em torno da educação do campo é grande, apesar de ter avançado muito com conquistas importantes junto às políticas públicas a ela destinadas, porém ainda continua relegada ao segundo plano nas agendas dos governantes e da própria sociedade. É preciso respeitar as especificidades desse público, pois são pessoas que muitas vezes necessitam trabalhar o dia todo para conseguir o pão de cada dia, o que dificulta a sua ida à escola.

Encarar esses problemas é um grande desafio para prática pedagógica do professor do campo, afinal o seu papel é preparar o estudante para que se perceba como sujeito construtor do seu conhecimento, pensar num modelo de escola mais flexível conectado a vida, investir na formação docente e ter um olhar mais sensível quanto as necessidades desses jovens e adultos, e a tudo que lhe é relevante. Esse tipo de ensino do campo não impede que o professor de forma consciente exerça o seu trabalho, como um formador de sujeitos críticos e reflexivos, e rompa com essa dialética excludente e elitista em que se configura a nossa educação escolar.

Compreende-se o campo com um espaço de cultura própria desenvolvida por sujeitos que fazem parte deste contexto e que muitas vezes tornam-se submissos e inferiorizados por não terem um apoio dos nossos governantes. Daí a importância de ter uma prática pedagógica bem desenvolvida que seja construída no seio dessa cultura e que se firme enquanto instrumento de sua valorização, de resistência e de libertação para a população do campo. Para que isso aconteça, torna-se necessário um envolvimento maior com a educação do campo, pois assim todos os que fazem parte desta história poderão superar toda a problemática que os rodeiam.

Faz-se necessário, a reflexão crítica sobre o dia-a-dia do processo ensino-aprendizagem existente nas escolas do campo. Certas maneiras de ensinar precisam permanecer na rotina escolar, ou seja, a preocupação com os conteúdos retirados dos livros didáticos e a reprodução incessante e automática da ação que se tornam um ritual pedagógico descontextualizado e longe dos conhecimentos práticos dos educandos. De acordo com LOPES e FERREIRA:

Cabe à educação preparar quadros, criar mecanismos, definir e aplicar estratégias para a consecução de medidas que garantam a preparação e a consolidação dos fundamentos do trabalho e das tecnologias produtivas na direção dos horizontes apontados e demandados pelo próprio movimento social do campo. (LOPES e FERREIRA, 2004: 14)

Para os autores, a educação precisa criar metodologias diferenciadas, preparar estratégias para a execução de suas atividades dentro e fora da sala de aula para que as mesmas possam ser produtivas, deve reivindicar materiais pedagógicos adequados para que haja uma prática pedagógica realmente transformadora. Para tanto, acredita-se que a escola, a prática de gestão e os resultados da prática pedagógica se compõem num complexo processo de transformação que necessariamente busque a importância no processo ensino e aprendizagem nas escolas do campo.

Outro fator decisivo é no preparo do trabalho docente e o tempo que ele tem para organizar as suas atividades, uma vez que torna-se rotina para o seu dia-a-dia, sendo assim o professor precisa dedicar tempo para preencher vários documentos da escola, como fichas avaliativas, pareceres, boletins. Além do material didático, o professor necessita preparar outras atividades pedagógicas que vá levar o aluno a ter prazer em estar dentro da sala de aula.

Essas atividades podem ser jogos educativos, materiais pedagógicos e confeccionados pelos próprios alunos, dentre outros. Nota-se que uma formação continuada para os professores será de suma importância para aqueles que atuam na educação do campo, uma vez que muitos chegam sem uma experiência de vida, o que os leva a entrar em total desespero, pois de antemão, não tem noção do que possa fazer dentro da sala de aula. A escola precisa criar projetos pedagógicos que possam ir de encontro com as necessidades de sua clientela e os mesmos serem aplicados para os seus alunos, isso faz com que haja uma organização educacional dentro das instituições e uma aprendizagem com qualidade.

Contudo, é importante destacar que existem professores que buscam uma prática pedagógica diferenciada, de modo a articular os conteúdos escolares com assuntos ou experiências do cotidiano dos alunos. Embora nem sempre os professores conheçam a realidade do campo no Brasil, é necessário registrar que se esforçam para que o ensino tenha sentido sociocultural para os povos do campo.

De acordo com (SOUZA, 2009: 7), existem organizações sociais, por exemplo, a Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), que desenvolvem projetos alternativos para as escolas do campo, com sustentação teórica na obra de Paulo Freire. As Casas Familiares Rurais, no limite infra-estrutural e político local, propõem atendimento às necessidades escolares dos filhos dos pequenos agricultores. Organizam um projeto pedagógico com base na Pedagogia

da Alternância, de forma que os filhos dos agricultores possam estabelecer articulação entre o conteúdo estudado na escola e a vivência na pequena propriedade.

ARROY, CALDART e MOLINA defendem a ideia de que:

A questão que teremos de nos colocar é que escola, que concepção e prática pedagógica, que estrutura escolar dará conta do direito à educação básica. Em outros termos devemos ter clareza, como educadores, de que pode estar acontecendo um descompasso entre o avanço da consciência dos direitos e a educação escolar. O movimento social avança. O homem, a mulher, a criança ou o jovem no campo estão se constituindo como novos sujeitos sociais e culturais, e a escola continuará ignorando essa realidade nova? Não nos é pedido que como educadores dinamizemos a sociedade rural a partir da escola, mas que dinamizemos a escola, nossa ação pedagógica, para acompanhar a dinâmica do grupo. (ARROYO, CALDART e MOLINA 2011: 73 e 74)

É correto afirmar que as propostas pedagógicas valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas.

O Art. 28 da LDB (Lei nº 9.394/96) estabelece o direito da população rural a um sistema de ensino adequado às suas peculiaridades regionais e de vida. Com isso, a política de atendimento escolar não deve mais satisfazer com a mera adaptação, o processo escolar deve se adequar e reconhecer a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e a diferença. No Art. 5 da Resolução CNE/CEB nº 01/02 estabelece que as propostas pedagógicas das escolas do campo considerem a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, econômicos, de gênero, culturais, políticos, geração e etnia.

Ressalta-se, em conclusão que ao tratarmos do papel do educador e o exercício docente como prática educativa, não pensamos apenas a tarefa de ensinar os conteúdos, mas da formação humana como possibilidade desafiadora de ensinar a pensar criticamente, a questionar e pesquisar. Pensamos o ser apreendente, tanto o educador quanto os educandos, como sujeitos históricos, intervindo integralmente no mundo, uma vez que uma prática pedagógica quando bem organizada, torna-se um procedimento formador, pois admite ao professor desempenhar a ação, debater

seus acertos e falhas, sugerir novos caminhos, ou seja, edificar uma autonomia, que é praticada diariamente nas tomadas de decisões do dia-a-dia.

2.3 O PERFIL DO EDUCADOR DO CAMPO.

Educar nos dias atuais tem sido uma tarefa árdua e com bastantes desafio, pois educar exige usar de várias metodologias, buscar diariamente novas técnicas de trabalho, respeitar o aluno, bom, senso, exige que o professor tenha humildade, alegria tolerância e principalmente persuasão de que é possível transformar a educação em algo significativo.

Em se tratando de educadores do campo, pode-se afirmar que esses educadores e educadoras precisam ter vínculo direto ou que se identifiquem com a cultura camponesa, por isso, necessitam buscar um compromisso de trabalho com os sujeitos do campo, tanto nas escolas como na formação em diferentes espaços. Caracterizam-se por serem trabalhadores e trabalhadoras que em luta buscaram e buscam a conquista da terra, camponeses, filhos e filhas de camponeses e também pessoas urbanas, mas que têm sua atuação no campo, portanto é de fundamental importância que esses educadores lutem juntamente com essas pessoas em busca de melhorias de vida e de uma educação qualificada. De acordo com os autores CALDART, PALUDO e DOLL:

Ao atuarem em diferentes espaços das organizações sociais, esses sujeitos constroem a sua formação no cotidiano das diferentes atividades, a partir das relações estabelecidas em seu meio, nos diferentes processos desenvolvidos junto com os sujeitos com quem atuam. Dessa forma, a contribuição vem no sentido de compreender e analisar o contexto onde estão atuando. (CALDART, PALUDO e DOLL, 2006: 141)

De acordo com a ideia dos autores, são educadores e educadoras porque assumem a tarefa de organizar e conduzir processos coletivos formais ou informais de formação de outros sujeitos. Por isso, ao passarem por processos de enfrentamentos, análises e vivências coletivas, constroem posturas de sujeitos que buscam os direitos políticos e sociais, assumindo um compromisso que os leva, a cada dia, a lutar contra as desigualdades e injustiças que geram a opressão.

Sabe-se que os docentes da educação do campo vivenciam situações difíceis em todo o seu tempo de trabalho, muitas vezes são professores leigos, ou seja, sem formação nenhuma, não tem acesso ao material pedagógico, o prédio escolar é precário e de difícil acesso e também, na maioria das vezes não tem formação para que eles possam desenvolver um trabalho digno, mas que mesmo diante de tantas dificuldades, são professores ativos e que tem força de vontade e superação para os problemas encontrados em seu cotidiano.

O papel do professor do campo não consiste simplesmente em transmitir conteúdos aos alunos, mas de entender a realidade dos sujeitos de direitos, ao se perceber que é na sala de aula e na consciência da existência de interesses comuns que ele valoriza o exercício da coletividade. Ele é o profissional que desenvolve uma ação educativa e é responsável por mediar à reflexão junto ao educando sobre sua situação, analisando, desta forma, o grau de acolhida, numa perspectiva não só quantitativa como qualitativa, ao mesmo tempo precisa ter suas ações pautadas na busca da mudança e compreensão da realidade que vive o público que é atendido.

Ao assumir compromissos com a luta dos trabalhadores, esses sujeitos elaboram práticas onde buscam romper com a submissão nas escolas e nas diferentes práticas e relações pedagógicas que permeiam a formação humana, dentro e fora da sala de aula. Por isso, passam a ser comprometidos com uma proposta de construção de novas relações nas escolas e em outros espaços pedagógicos do campo.

Para que haja uma superação dos problemas gerados pelo não acesso à educação, esses professores precisam lutar pelas escolas em que o trabalho político e pedagógico torna-se desafio aos educadores e educadoras que buscam, no cotidiano escolar, relacionar a prática educativa com os processos formativos dos movimentos sociais, por que a educação do campo passa diariamente por tensões, lutas, debates, organizações, movimentos sociais. Para ARROYO, CALDART e MOLINA, destacam:

Como educadores, temos de ter a sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural, e perguntar-nos que novos sujeitos estão se constituindo, formando, que crianças, jovens, adultos, que mulheres, professoras e professores, que lideranças, que relações sociais de trabalho, de propriedade, que valores estão sendo aprendidos nesse movimento e dinâmica social do campo. O foco do nosso olhar não pode ser somente a escola, o programa, o currículo, a metodologia, a titulação dos professores. Como educadores temos de olhar e entender como nesse movimento social

vêm se formando, educando um novo homem, uma nova mulher, criança, jovem ou adulto. (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011: 70)

Portanto os educadores precisam olhar para o campo com um olhar diferenciado, contemplar para a infância, a juventude, os adultos e os idosos do campo e como vivem entender cada realidade. Compreender que no campo existem diferentes gentes com diversas identidades; saber que as diferentes famílias cultivadoras da terra, trabalhadoras do campo são, afinal, o seu povo mais legítimo. Crer que estes diferentes grupos humanos que vivem no campo têm história, cultura, identidade, lutas comuns e lutas específicas; que parte deles se organiza em movimentos sociais para fazer estas lutas, mas que todos têm direitos sociais e humanos que devem ser respeitados e atendidos.

Um educador não pode atuar somente no campo da educação. A realidade exige uma participação ativa nas lutas pela transformação das condições sociais desumanizadoras que existem no campo, na sociedade inteira e ajudar na construção de um projeto de desenvolvimento do campo que tenha o rosto, a identidade de seus diferentes sujeitos.

Para os autores ARROYO, CALDART e MOLINA (2011: 124 e 125), a tarefa principal de educadores é exatamente garantir o ambiente educativo da escola, envolvendo educandos e também a comunidade em sua construção. Para isto precisa ter tempo, organização e formação pedagógica para fazer a leitura do processo pedagógico da escola, assumindo o papel de sujeito do ambiente educativo, criando e recriando as estratégias de formação humana e as relações sociais que o constituem. Isto quer dizer avaliar o andamento do conjunto das atividades da escola, acompanhar o processo de aprendizagem/formação de cada educando, autoavaliar sua atuação como educadores, planejar os próximos passos, estudar juntos. MACEDO afirma:

É importante constituir contextos de aprendizagem ou desenvolvimento das competências e habilidades dos professores para a melhoria de sua prática docente nos termos em que se isso se coloca hoje. Tais contextos de aprendizagem são, no mínimo, os seguintes: a sala de aula, ou centros ou recursos de formação continuada, a relação com os colegas, pais e comunidade escolar, a relação pessoal com os livros, computadores, leitura e escrita; a participação em palestras, cursos e seminários, a realização de pesquisas e de projetos educacionais. (MACEDO, 2005:37)

Para o autor, os professores precisam trabalhar em coletivo, buscar novos rumos de conhecimento para a sua formação, pois não há como ser sujeito de um processo como este sem uma formação diferenciada e permanente. É preciso aprender a refletir sobre a prática, é preciso continuar estudando. Precisa ter alguma forma de acompanhamento externo que ajude a dinamizar o seu processo de formação e a chamar atenção para aspectos que a rotina do dia a dia já não deixa enxergar.

É muito importante que os educadores garantam seu processo de formação na própria escola. Mas é igualmente significativo que possam de vez em quando sair da escola e participar das atividades em outros lugares, com outras pessoas. Podem ser atividades gerais do movimento social, mobilizações ou outras ações da luta; e podem ser também encontros ou cursos de formação de professores, que lhes permitam partilhar experiências, saberes, sentimentos, pedagogias, sonhos e outros, uma vez que há uma necessidade muito grande de formação que possa valorizar o ambiente em que o professor irá atuar, pois essa formação trará benefícios para esse profissional e contribuirá para que a educação do campo possa romper com o protótipo urbanocêntrico, valorizar a cultura e reconhecer o homem do campo como um ser histórico.

O educador necessita provocar mudanças em sua maneira de pensar e agir e para isso é fundamental repensar seu papel, enquanto profissional criativo, para tornar-se investigador reflexivo no seu trabalho pedagógico. É um profissional reflexivo capaz de ir se construindo e colaborando na constituição de seus pares numa ação colaborativa de valores, crenças, contradições, considerando o sujeito cultural e a sua realidade enquanto construtor da sua própria, valorizando seus saberes, sua linguagem, suas relações sócias no e com o mundo, mediada por outros sujeitos, na sua totalidade.

Pode-se afirmar que um educador do campo, assim como outros profissionais, tenha ética em seu trabalho, pois ele encontrará situações que podem fugir da sua realidade. A ética é sempre o resultado de uma livre escolha, após se compreender que existem princípios que sugerem certa postura de vida. Os princípios que a consciência apreende a partir da própria consciência, com a sua sensibilidade, não se alteram, nem sofrem influência dos valores sociais e culturais. São estáveis e válidos em qualquer época, não mudam em função do que é

considerado correto por um grupo, nem são determinados por um novo mandamento.

Sobre esse assunto o autor GHEDIN afirma:

A ética é uma postura de vida, relacionada com princípios gerais e universais presentes na consciência do indivíduo. É uma práxis em sintonia com o íntimo do ser. A ação ética é a melhor ação possível, a mais indicada, a reta ação e não uma ação correta. O termo “correta” nos levaria para uma área da moral. A ação ética está ligada à sensibilidade e à capacidade de ouvir a própria consciência, que, por sua vez, é uma expressão da consciência universal. (GHEDIN, 2012: 40)

Para o autor, a ética é sempre o resultado de um ato voluntário e não o simples obedecer às aparências ou a uma regra. Ela é uma postura existencial que inclui a possibilidade de se agir, de certa maneira. Por ser algo consciente, não permite uma dupla maneira de ser. A retidão se preserva, mesmo quando se estiver só. O ser ou não ser ético é o resultado de algo que passa pela reflexão e torna-se uma ação externa.

O papel do educador é de fundamental importância para a construção da Educação do Campo na medida em que ela está profundamente ligada ao processo de construção do desenvolvimento sustentável das comunidades das áreas de assentamento. A formação inicial e continuada desses futuros educadores deve ter presente um processo de valorização da cultura local. Nesse processo, aparece o diálogo como essência no desenvolvimento de uma sociedade justa e verdadeiramente democrática.

Enfim, o educador comprometido com mudanças deve ser facilitador de um processo educacional em que os educandos percebam a sua realidade, fortalecendo a capacidade de discutir os seus problemas, uma vez que a educação do campo não deve se distanciar da cultura do home do campo, mas sim, precisa valorizar a sua identidade e os seus valores humanos e sociais. É importante que os educadores preservem os princípios éticos fortalecendo valores para fortalecer sua identidade. A postura dos professores é essencial para conduzir as atividades escolares trabalhando a memória, a cultura e os valores dos que estão envolvidos nesse contexto.

3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE EM DUAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA- PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Socorro da Mata Martins)

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Socorro da Mata Martins, localizada a margem esquerda do rio Tapajós, na Comunidade Ipaupixuna -I. funciona-se na comunidade desde 1972, quando a comunidade já bem desenvolvida, ganhou a primeira escola com os recursos do senhor Francisco Cabral Lira, a qual passou a chamar escola de 1º grau Cachoeirinha, com doze alunos em uma turma multisseriada, tendo como professora Elaine dos Santos.

Em 1974 a 1975 a escola continuou suas atividades sob a responsabilidade da Professora Edna da Silva, funcionando com apenas uma turma de multisseriado. No período de 1976 a 1977 a referida escola deu sequência em suas atividades tendo como professora Raimunda Felícia.

De 1978 a 1981 na administração do prefeito Municipal Raimundo Altamiro da Silva a escola passou a funcionar em um barracão comunitário, tendo como professora responsável Luzia dos Santos Melo.

Em 1982 já na administração do Prefeito Municipal Francisco Xavier Lages de Mendonça a escola passou a funcionar sob a responsabilidade da professora Maria das Dores Amaral dos Anjos, a qual permaneceu até o ano de 2012, prestando serviços educacionais em prol da comunidade. Neste período a comunidade passou a se chamar Ipaupixuna I, assim também como a escola, chamando-se escola municipal de 1º grau Ipaupixuna I.

De 1985 a 1988 na administração do prefeito Silvio de Paiva Macedo, a escola passou a funcionar em outro local em dois turnos multisseriados num barraco coberto de telha Brasilit, cercada de madeira, contendo duas salas de aula e uma cozinha.

Em 2003, na administração do prefeito Benigno Olazar Reges, a comunidade ganhou uma outra escola, em outro local coberta de telha de barro, cercada de

madeira, contendo uma sala de aula, uma secretaria e uma cozinha, uma biblioteca e uma área em frente à escola, neste período a mesma recebeu o nome de Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental " Socorro da Mata Martins".

Vale ressaltar que a escola e a comunidade em geral sempre tiveram a preocupação em desenvolver um excelente trabalho, na busca de uma educação de qualidade e um ensino e aprendizagem igualitário a todos os alunos da referida escola. No primeiro semestre de 2013 a escola funcionou com um total de 18 alunos, na responsabilidade da professora Kátia Regina, antes de iniciar o segundo semestre a mesma pediu transferência na secretaria de educação para outra escola também da zona rural.

Em agosto de 2013 a professora Elionice dos Reis Souza, passou a assumir as responsabilidades da escola Socorro da Mata Martins. No ano seguinte, 2014 a escola teve um público alvo de 23 alunos, e a participação das Mães que contribuíam com a realização da merenda escolar, sendo um dia da semana para cada mãe ou responsável de alunos. Em 2015 a escola tem como responsável a professora Elionice Reis de Souza contando com quadro de três funcionários sendo duas professoras e um auxiliar de serviços gerais, tendo como corpo discente trinta e três alunos divididos em duas turmas, uma com 17 alunos das serie de educação infantil ao 1º ano e a outra contendo 16 alunos do 2º ao 5ºano, ambas funcionam no turno vespertino.

Atualmente a escola conta com duas salas de aulas, uma cozinha, uma pequena salinha que funciona como almoxarifado, um corpo docente de duas professoras Elionice dos Reis Souza e Rosenilda Garcia da Costa e um funcionário Auxiliar de serviços Gerais Nadson Oliveira da Conceição, sendo responsável pelo transporte escolar o senhor José Luzimar Alves da Costa. A mesma funciona somente no período da tarde das 12 horas as 18 horas.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pedro Álvares Cabral)

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Pedro Álvares Cabral, localizada a margem esquerda do rio Tapajós dentro do lago Ipaupixuna II, a mesma atende as comunidades Ipaupixuna I, Ipaupixuna II e Independência I. A

escola já funciona na comunidade há 50 anos, somente a partir de 1970 quando a mesma foi construída em estilo padrão de madeira e telha de barro onde na época contava com um quantitativo de 120 alunos, hoje porém esse número está reduzido a um total de 50 alunos, atendendo a uma modalidade do maternal ao 8º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos) Personalizado 4ª etapa. A mesma funciona nos horários da manhã (maternal ao 5º ano) e a tarde (6º ao 8º ano e uma turma da EJA Personalizado). A escola possui uma sala de aula, uma secretaria, uma cozinha, um banheiro (masculino e feminino), três professoras, um barqueiro, uma merendeira e dois monitores. Professores que atuaram na escola: Raimunda, Ângela, Fátima, Sônia, Antônio Claudemy e Aracilda Silva de Sousa.

Funcionários que atuam na escola: Aracilda Silva de Sousa, Madda Luene Moraes Freitas, Raimunda Simone da Mata Oliveira, José Maria, Joanir, Luzia Gledia, Joceli Pereira Sena e Maik Jhonatam Santos da Mata.

A escola tem como missão formar cidadão crítico, responsável, socializado e comprometido com o crescimento de um ensino de qualidade e da interação entre família e escola atendendo o disposto nas constituições, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

A atuação da escola consiste na preparação do alunado para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo uma formação, aquisição, culturas e interpessoais para uma grande formação de cidadão de fato e de direitos na sociedade. Sendo a escola assim, admitimos que o princípio de uma grande aprendizagem significativa, partindo assim, do que o aluno já conhece. A transferência da aprendizagem só se realiza no momento da síntese, isto é, adquire uma visão mais clara e unificadora.

3.3 METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA

Este estudo é bibliográfico, pois conta com um levantamento literário, uma vez que busca como fonte de pesquisas, revistas, internet e etc. Dentre eles citamos, CALDART (2003), BRASIL (2009), SOARES (2009), MOLINA (2006), BORBA (2008), SOUZA (2009), BRANDÃO (2011), CASTANHO (2011), LOPES (2004), MACEDO (2005), dentre outros, que defendem a educação do campo como um processo que necessita de um olhar diferenciado, uma vez que a educação é um processo gradativo e contínuo que ultrapassa os limites e as dificuldades encontradas no cotidiano dos envolvidos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois

permite verificar os problemas que os professores e alunos enfrentam durante o ano letivo.

De acordo com (MAGALHÃES, 2007:26)

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (MAGALHÃES, 2007:26)

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa, pois busca a qualidade da pesquisa, procurando apontar problemas enfrentados pelos professores, alunos e instituições. Foi realizado também uma pesquisa de campo com procedimentos de coletas de dados utilizando no trabalho, entrevistas com questionários, aplicados a 4 professores que atuam na escola do campo e 7 alunos que estudam na instituição.

3.4 RESULTADOS DA PESQUISA

3.4.1 Alunos

A presente pesquisa foi realizada com os alunos das escolas Pedro Álvares Cabral e Socorro da Mata Martins da zona rural do município. Dentre os entrevistados a idade média é 26 anos, sendo que cinco são do sexo masculino e duas do sexo feminino. Observando as situações do dia-a-dia, percebe-se que os alunos necessitam de um ambiente apropriado para que os mesmos possam ter um estudo de qualidade, pois assim poderão absorver as informações e o entendimento daquilo que está sendo ministrado pelo professor.

Diante do pressuposto, na questão de nº 1 foi perguntado aos alunos da escola do campo: *Há quanto tempo você estuda na escola?* No gráfico mostra as seguintes porcentagens.

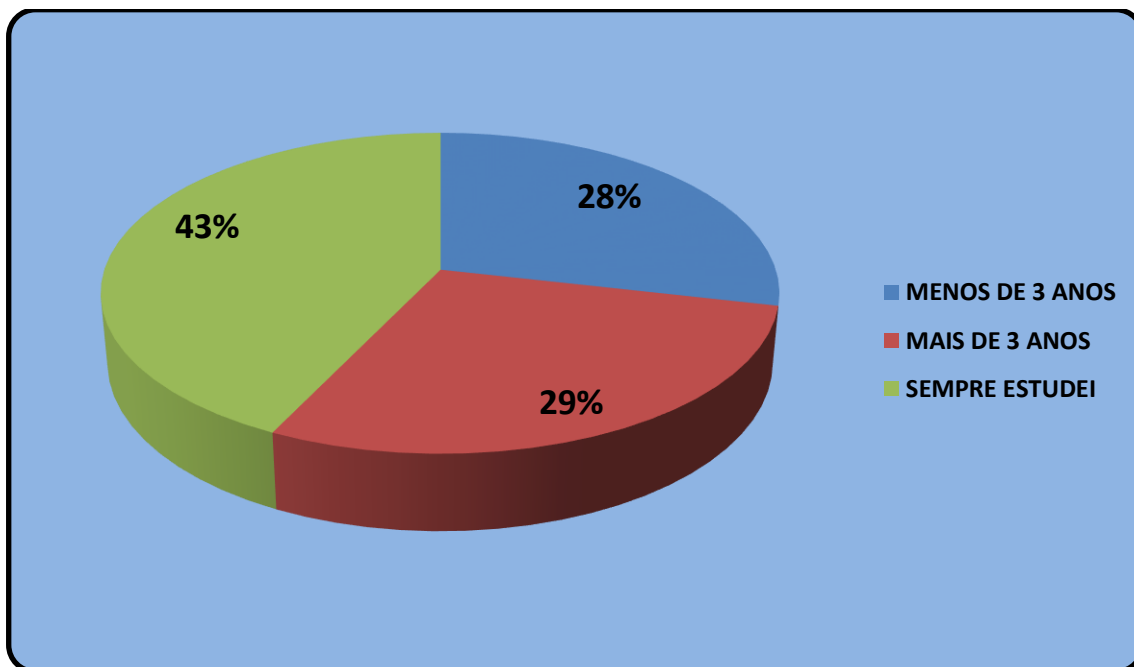


GRÁFICO 1: Há quanto tempo você estuda na escola
FONTE: Alunos pesquisados 2017

O gráfico acima é resultado da pergunta que foi aplicada aos alunos em relação ao tempo em que eles estudam na escola, sendo que 43% responderam que sempre estudaram na escola, 28% menos de três anos e 29% mais de três anos. Já na questão de nº 2 foi perguntado aos alunos se eles gostam da escola em que estudam.

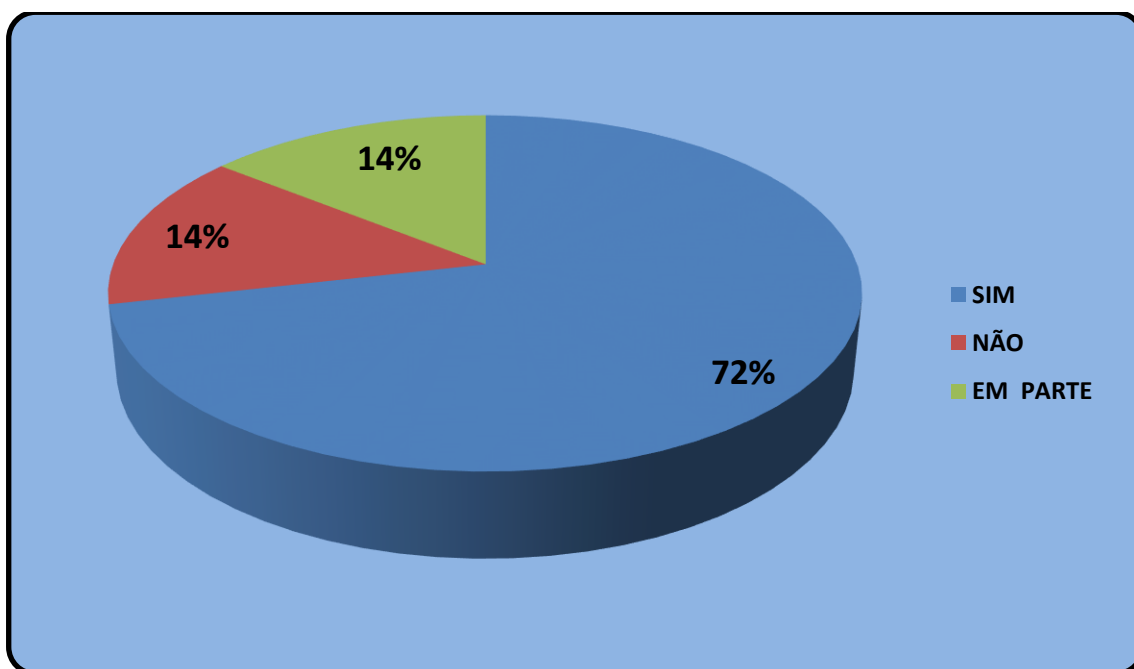


GRÁFICO 2: Você gosta da escola em que estuda
FONTE: Alunos pesquisados 2017

Diante das respostas dos entrevistados, nota-se que a maioria dos alunos gosta da escola em que estuda. Esses alunos responderam que gostam porque tem professores legais e capacitados e que dominam o conteúdo, porque a escola tem um estudo excelente; outro aluno respondeu que gosta muito da escola que frequenta em sua comunidade, pois assim não tem necessidade de estarem na cidade todos os dias, pois é bastante difícil, uma vez que a comunidade fica longe do lugar em que vive. Outro respondeu que não gosta muito porque a escola é muito longe e isso dificulta à sua ida até a escola.

Foi indagado na 3ª questão como os alunos avaliam o trabalho dos seus educadores.

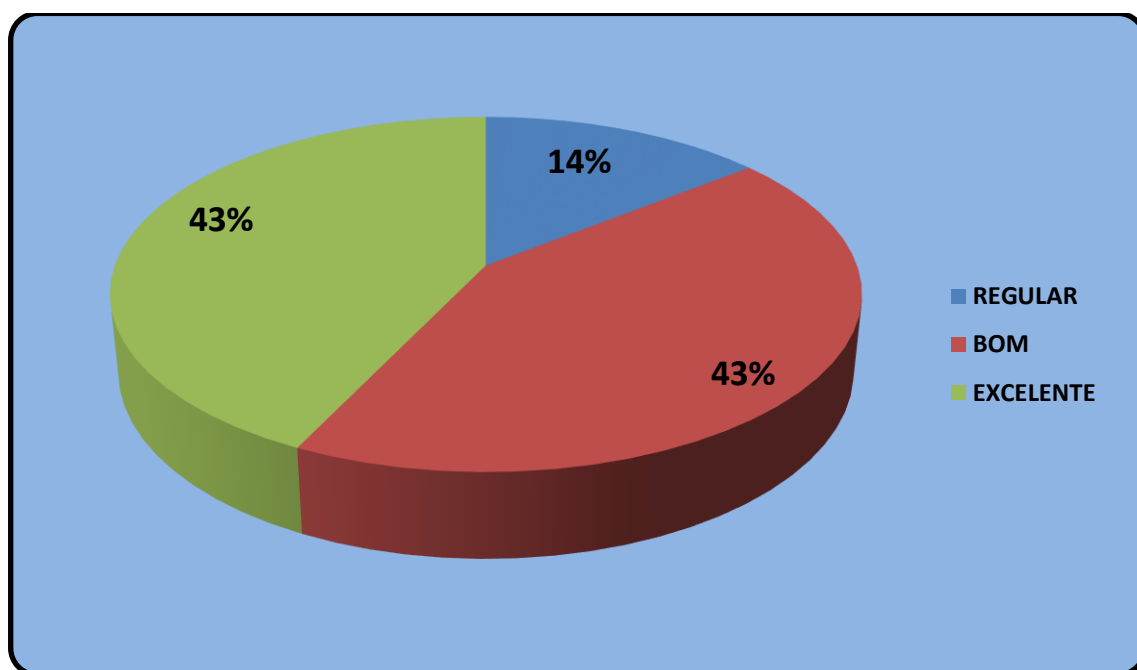


GRÁFICO 3: Como você avalia o trabalho de seus educadores.

FONTE: Alunos pesquisados 2017

Nota-se que nas respostas dos alunos eles responderam que 43% responderam que avaliam o trabalho do professor excelente, 43% responderam bom e apenas 14% responderam regular, por tanto, percebe-se que os alunos gostam muito do trabalho dos professores e que diante disso podem tirar bastante proveito para a educação de cada um deles, uma vez que a educação é algo contínuo.

Os alunos responderam ainda se o seu educador costuma utilizar jogos e brincadeiras Durante as aulas que são ministradas.

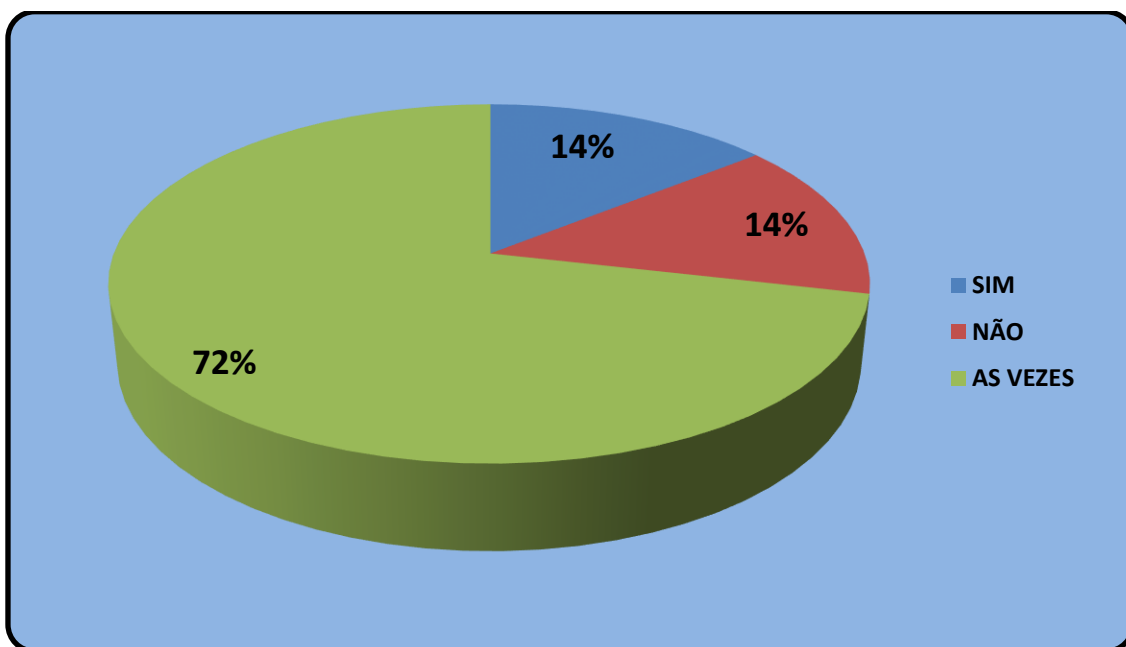


GRÁFICO 4: O educador costuma utilizar jogos e brincadeiras durante as aulas que são ministradas
FONTE: Alunos pesquisados 2017

Diante das respostas acima citadas, percebe-se que mais da metade utiliza jogos e brincadeiras apenas às vezes, 14% disseram que não e 15% disseram que sim. Nota-se que a educação do campo ainda é bastante precária, o que faz com que o trabalho dos professores seja bastante reduzido quando a questão é material didático, fazendo com que não tenha dinâmicas dentro da escola.

Na 5ª questão foi perguntado como o aluno avalia a merenda escolar.

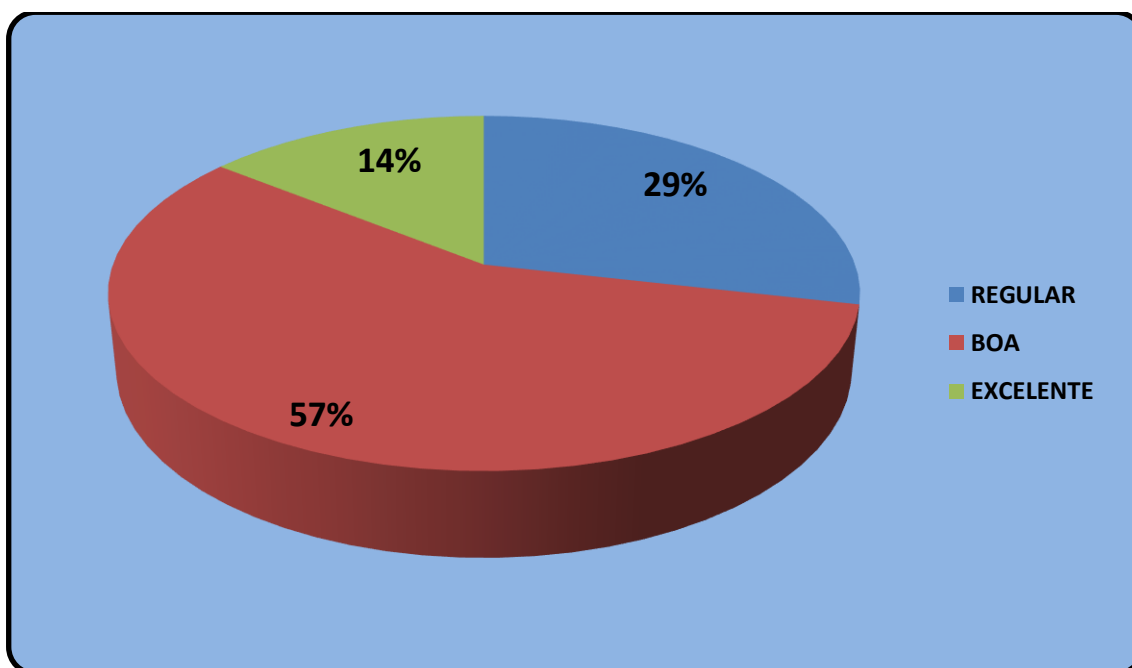


GRÁFICO 5: O que você pensa a respeito da merenda escolar que é oferecida na escola.
FONTE: Alunos pesquisados 2017

Diante das respostas, pode-se perceber que a maioria respondeu que a merenda escolar é boa, 29% respondeu que é regular e apenas 14% boa. Os alunos ainda responderam que muitas vezes a escola não disponibiliza de uma merenda adequada, pois faltava verdura e tempero, mas em muitas vezes a merenda era de qualidade. A maioria das crianças ia para a escola sem o café ou o almoço, pois confiava na merenda escolar, por isso o corpo administrativo precisava disponibilizar de uma merenda adequada.

Foi perguntado na 6ª questão aos alunos qual era a atividade preferida de cada um deles e todos responderam que gostam muito de estudar.

Na 7ª questão foi perguntado aos entrevistados se o que eles estudam tem relação com o seu cotidiano.

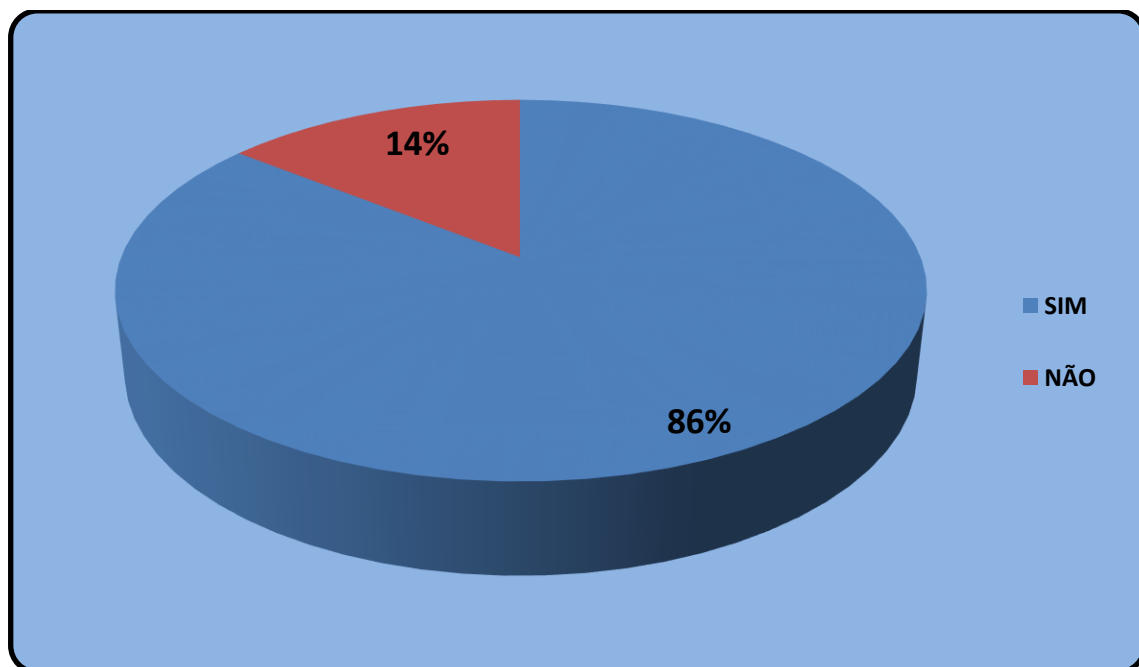


GRÁFICO 6: O que você estuda na escola tem relação com o seu cotidiano.

FONTE: Alunos pesquisados 2017

Diante das respostas dos alunos, nota-se que 86% responderam que sim e 14% responderam que não. A educação do campo precisa ser adequada para o meio rural, mas muitas vezes os professores não têm materiais necessários para o seu trabalho, o que acaba tornando essa educação um descaso.

Ainda foi indagado quais os meios de transportes que os alunos utilizam para chegar à escola.

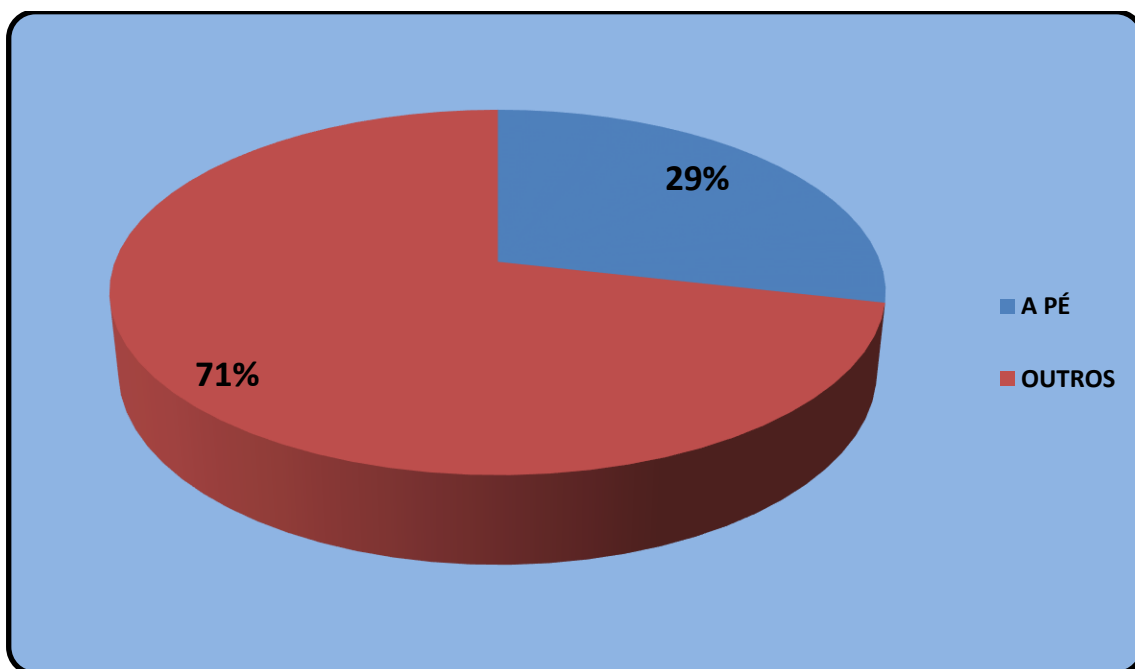


GRÁFICO 7: Quais os meios de transportes que você utiliza para chegar à escola.

FONTE: Alunos pesquisados 2017

Observou-se que 29% dos alunos responderam que vão a pé e 71% responderam que usam outros tipos de transportes. Muitos alunos moram em ribeirinhos, portanto necessitam de uma canoa para se deslocarem até a escola. Durante a entrevista, alguns responderam que chegam a pegar até três meios de transportes para chegar ao local da escola. Em período de chuva, muitos precisam se sacrificar, pois o rio fica cheio e as estradas ficam ruins para ter acesso à escola. No verão também é sofrido, pois o rio fica seco e os alunos juntamente com os professores precisam andar e atravessar lama para chegar ao seu destino.

Na 9ª questão foi indagado quais as maiores dificuldades que os alunos enfrentam para estudar.

ALUNO	RESPOSTAS
A1	Um deles é a trajetória até a escola, falta de livros didáticos e entre outros.
A2	Enfrentava sol, muitas vezes chuva e a estrada é muito ruim.
A3	A maior dificuldade é no tempo da seca.
A4	De casa para escola porque no verão a dificuldade é muito grande, pois enfrentamos muita lama.
A5	As maiores dificuldades são os meios de transportes, pois o percurso além de longe, os transportes não são adequados.
A6	No tempo da seca, pois temos que enfrentar vários obstáculos e também a falta de energia.
A7	A dificuldade que nós temos é a iluminação, pois não temos energia. Também tem a questão da lama na estrada e falta de merenda escolar no período da noite.

QUADRO 1: Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta para estudar.

FONTE: Alunos pesquisados 2017

Com todas as respostas dadas pelos alunos, é notório que vários são os problemas que os alunos enfrentam para estudar. Um respondeu que a maior dificuldade é a questão dos livros didáticos, pois a escola não disponibiliza de matérias adequados para que o professor possa ministrar suas aulas, o que na maioria das vezes o educador tem dificuldade em dar suas aulas com qualidade. Outro respondeu que um dos problemas é a questão do transporte escolar, pois muitos não são adequados para levar os alunos, pois coloca em risco a vida de cada criança. Esse transporte escolar é barco, mas no período do verão o barco não consegue chegar até a escola, então é substituído por uma rabeta que não tem nenhuma segurança para as crianças.

Nota-se que alguns alunos responderam que um dos problemas é no período da seca, uma vez que eles precisam enfrentar vários obstáculos para chegar até a escola, outros falam na questão da iluminação pública, pois precisam estudar no escuro e isso dificulta o aprendizado deles.

Na 10ª questão os alunos responderam a seguinte pergunta: em sua opinião, o que você gostaria que mudasse na sua escola? No quadro seguinte é possível verificar as respostas.

ALUNO	RESPOSTAS
A1	A estrutura da escola, que as aulas fossem mais chamativa, ou seja, que tivesse mais a participação do aluno. Interação entre docente e discente.
A2	O prédio da escola por ser de madeira, falta de água de qualidade, energia e outros.
A3	A estrutura da escola, a água, as cadeiras, energia, etc.
A4	Gostaria que o espaço fosse suficiente para colocar todos os alunos no período certo.
A5	Gostaria que mudasse da mesma, pois está muito velha. Não tem ambiente adequado para um bom e apto lazer para oferecer aos alunos.
A6	A estrutura da escola, as salas, a merenda escolar, a água, as cadeiras, etc.
A7	Eu gostaria de um colégio de alvenaria. É muitas coisas mais.

QUADRO 2: Em sua opinião, o que você gostaria que mudasse na escola.

FONTE: Alunos pesquisados 2017

Diante das respostas dos alunos, nota-se que muitos mudariam muitas coisas na escola, principalmente a estrutura da escola, pois ainda é de madeira e está muito velha, outros responderam que gostariam que houvesse mais a interação entre docente e discente e que as aulas fossem mais alegres. Alguns responderam que gostariam que a merenda escolar e a água fossem de mais qualidade, que o espaço fosse suficiente para colocar cada aluno no período certo.

Ante todas as questões que foram levantadas, nota-se que os alunos do campo ainda passam por muitas situações difíceis, mas que nada os impede de querer estar na escola, pois todos buscam melhorias para a sua vida. Nota-se que esses problemas estão longe de serem resolvidos, pois os nossos governantes não tem uma preocupação com a educação do campo, pois dificilmente aparece algum representante nas comunidades para verificar como está a situação dos alunos e professores do campo.

3.4.2 Professores

A presente pesquisa foi realizada com os professores das escolas Pedro Álvares Cabral e Socorro da Mata Martins da zona rural do município.

Dentre os entrevistados a idade média é 49 anos, sendo que todas são do sexo feminino. Quanto à formação dos professores, três tem graduação e uma pós graduação. O tempo de trabalho na educação do campo varia entre 3 a 33 anos e a quantidade de aluno que cada um atende é possível verificar no gráfico abaixo.

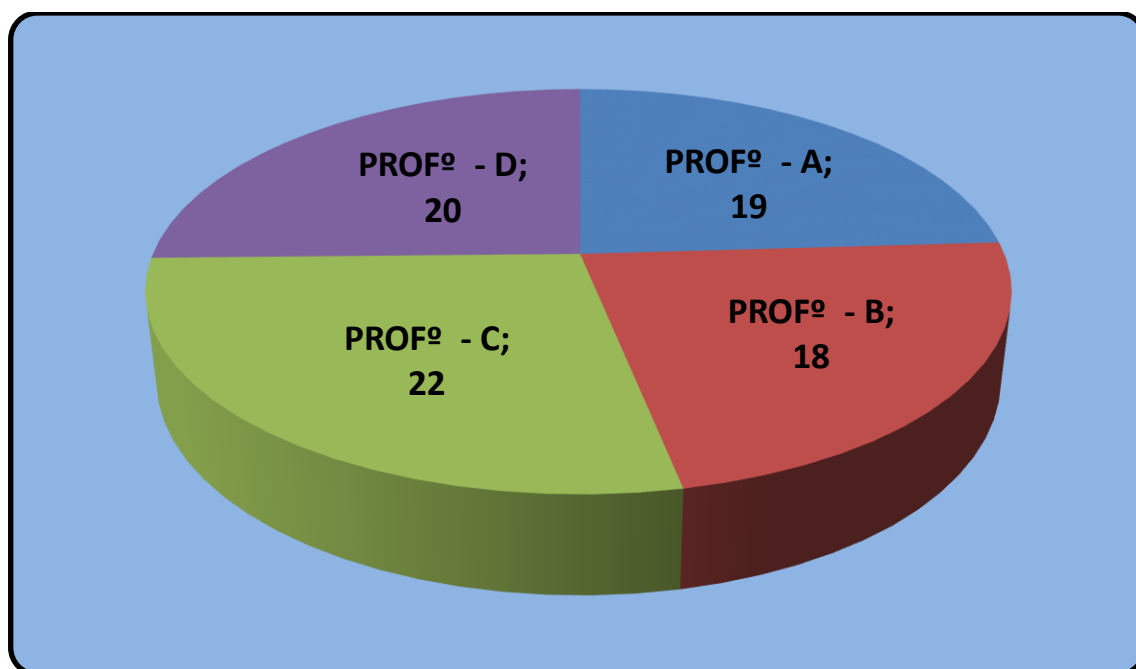


GRÁFICO 08: Número de alunos por turma que trabalha
FONTE: Professores pesquisados 2017

Pode-se perceber que cada professor atende uma quantidade diferente de alunos. O professor A atende 19 alunos; o professor B atende 18 alunos; o professor C atende 22; o professor D 20.

Diante do pressuposto, na questão de nº 2.1 foi perguntado aos professores da escola: Em sua opinião, o que é ser um educador do campo?

PROFº	RESPOSTAS
P1	É está preparado para enfrentar desafios; é ser criativo, pois as escolas geralmente não têm muitos recursos.
P2	Um guerreiro acima de tudo, pois enfrenta todas as dificuldades para está em sala de aula.
P3	É um artista superando todos os desafios que vierem pela frente.
P4	É ser tudo nessa vida e mais um pouco, uma pessoa capaz de lidar com o impossível e fazer acontecer o possível.

QUADRO 03: Em sua opinião, o que é ser um educador.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Diante das respostas das entrevistadas, nota-se que ser educador é estar sempre preparado para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia; é ter sempre criatividade para inovar no seu trabalho, pois as escolas do campo dificilmente disponibilizam de recursos necessários para que os professores possam ministrar suas aulas. Outras educadoras responderam que ele precisa ser antes de tudo um guerreiro para enfrentar os desafios que encontraram dentro e fora da sala de aula. E outra respondeu que é fazer o possível e ó impossível no seu setor de trabalho. Ante as respostas, observa-se que ser professor é ser tudo na vida, é ter amor pelo que faz, pois um professor não sabe o que pode encontrar pela frente, principalmente quando os alunos passam por sérias dificuldades.

Foi indagado na questão 2.2 às professoras se as mesmas participam de capacitação para professores que trabalham na área rural.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Sim. Com certeza, pois é um esclarecimento referente as dúvidas dos cursos que são oferecidos.
P2	Sim. Nos ajuda nas nossas dúvidas e nos trazem novos caminhos.
P3	Sim. Essas formações contribuem e muito, pois é uma forma de aproximar professores e nossos superiores para troca de experiência, tirar alguma dúvida, buscar novos conhecimentos e procurar melhorar cada dia em sala de aula.
P4	Sim. Pois todas as formações trazem novas experiências, novas oportunidades de crescer juntamente com o corpo docente e discente.

QUADRO 04: Você participa dos cursos de capacitação para os professores que trabalham na área rural

FONTE: Professores pesquisados 2017

Nota-se diante das respostas que todas responderam que participam de capacitações que são oferecidas para os professores, pois servem para o bom desenvolvimento do seu trabalho e ajudam a esclarecer dúvidas e trazem sempre novos caminhos. Uma educadora respondeu que essas formações contribuem, pois é uma forma de aproximar todo o corpo docente e administrativo da escola para que

possam ter trocas de experiências e procurar sempre melhorar dentro da sala de aula. Foi possível perceber que essas capacitações sempre irão contribuir para o bom desempenho dos professores do campo. Buscar novos conhecimentos faz com que o professor tenha mais sucesso naquilo que faz, pois inovar é sempre bom, uma vez que traz novos métodos de trabalho quando o assunto é educação.

Os profissionais responderam ainda quais os materiais didáticos e estratégias que eles mais utilizam durante as suas aulas. No gráfico abaixo é possível observar os resultados da pesquisa.

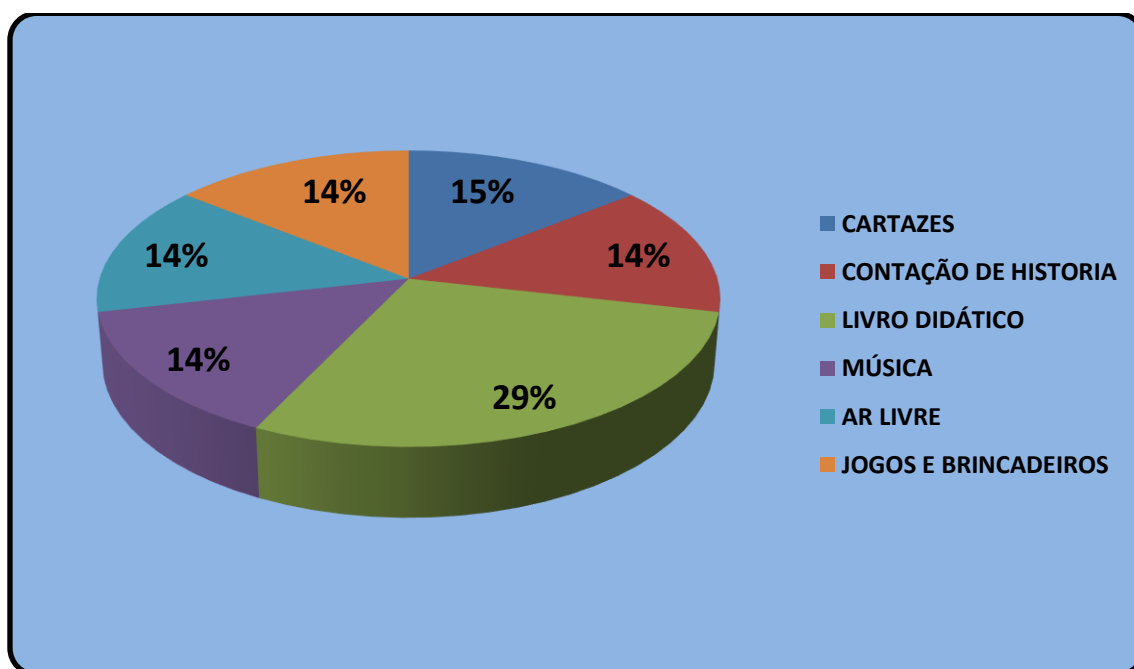


GRÁFICO 9: Quais os materiais didáticos e estratégias que você mais utiliza durante as suas aulas.
FONTE: Professores pesquisados 2017

Entende-se, diante da pesquisa, que o material mais utilizado é o livro didático, uma vez que é o de mais livre acesso e o único recurso que a escola disponibiliza. As outras estratégias são utilizadas pelos professores, mas não com frequência, pois muitas vezes o educador precisa comprar os materiais necessários para confeccionar todo o material. Muitos precisam ter troca de experiências e de materiais, pois os alunos precisam sair da rotina e ter uma aula diferenciada, pois assim poderão aprender com mais facilidade. Sabe-se que os alunos do campo precisam aprender de acordo com a sua realidade do dia-a-dia.

As entrevistadas comentaram ainda na 2.4 questão se os recursos disponibilizados pela escola são suficientes para desenvolver um bom trabalho.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Deixa a desejar, pois muitas vezes não podemos fazer uma aula com dinâmicas por falta de recursos.
P2	Não. Ainda falta muita coisa para melhorar o trabalho no campo.
P3	Não. A escola não disponibiliza desses recursos. Os professores precisam confeccionar, construir seus próprios recursos e buscando meios para desenvolver o seu trabalho.
P4	As vezes. Hoje as escolas contam com o dinheiro do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), que quando está tudo ativo, a própria escola compra o que precisa para fazer um bom trabalho.

QUADRO 05: Os recursos didáticos disponibilizados pela escola são suficientes para você desenvolver um bom trabalho.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Percebeu-se que houve opiniões diversificadas. A primeira respondeu que deixa a desejar, pois muitas vezes elas não podem fazer uma aula diferenciada com dinâmicas por falta de recursos, o que dificulta o trabalho do professor. Duas responderam que os materiais não são suficientes para um bom desenvolvimento do seu trabalho, uma vez que ainda falta muita coisa para que o trabalho do campo seja de qualidade e muitas vezes o professor precisa comprar com seu próprio dinheiro para a confecção desses materiais, pois só assim estarão buscando meios para desempenhar um bom trabalho. A quarta professora respondeu que as vezes o material é suficiente, sendo que nós dias de hoje a escola conta com o dinheiro do PDDE e que quando está tudo ativo, a própria escola compra todos os materiais necessários para que os professores possam fazer um belo trabalho.

No que se refere se os alunos possuem livros didáticos, os professores responderam conforme no quadro abaixo.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Sim. Os livros são: Matemática, Português, História. E eles são usados praticamente em todas as aulas.
P2	Sim. Os livros são: Português, Matemática, História, Geografia, Artes e Ciências. Eles são usados frequentemente.
P3	Sim. Os livros são: Português, Matemática, História, Geografia, Ensino das Artes e Ciências.
P4	Sim. Português e História. Praticamente eles são usados em todas as aulas.

QUADRO 06: Os alunos da sua turma possuem livros didáticos

FONTE: Professores pesquisados 2017

Diante das respostas de cada uma delas, notou-se que os alunos possuem todos os livros didáticos e que eles são usados todos os dias nas aulas, uma vez que já foi mencionado que é o único recurso que é disponibilizado pelos nossos governantes. Durante a entrevista com os professores, foi possível perceber que muitas vezes os livros não vêm de acordo com a realidade do aluno do campo, o

que dificulta o trabalho do professor, pois em muitos casos o aluno tem dificuldade em pegar o conteúdo. Por este motivo, o professor precisa deixar o livro um pouco de lado e trabalhar a realidade das crianças do campo e usa o livro apenas como suporte.

Na 2.6, as professoras responderam quais são os maiores desafios que eles enfrentam para trabalhar no campo.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Falta de livros didáticos e de livros pedagógicos.
P2	Sair da cidade para chegar todos os dias na escola, usando dois tipos de transportes: terrestre e aquático.
P3	Que durante o ano letivo possa atingir o objetivo de dever cumprido, e nem sempre isso é possível.
P4	O apoio ainda é muito pouco, a falta de energia, transporte, etc.

QUADRO 07: Quais os maiores desafios que você enfrenta para trabalhar no campo.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Diante das respostas, percebeu-se que muitos são os desafios que o professor encontra. Um respondeu que a falta de livros didáticos e pedagógicos necessários, pois os que são enviados pelos nossos governantes não suprem a demanda da escola. Outra respondeu que o maior desafio é sair da cidade cedo todos os dias para chegar até a escola e tendo que utilizar de dois tipos de transportes; terrestre e aquático. A terceira respondeu que é chegar ao final do ano e muitas vezes não alcançar a meta desejada, o dever cumprido. Muitas vezes isso é difícil porque durante o ano os professores encontram muitos problemas e que causam desânimos, mas não desistem, pois sabem que vão encontrar alunos que tem vontade de aprender e que enfrentam problemas também.

Quanto à 2.7 questão, foi indagado se os pais costumam acompanhar a educação escolar dos seus filhos.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Raramente, ou seja, muitos pais aparecem na escola só em reunião e atividades festivas.
P2	Sim. Uns com mais frequência e outros não, mas acompanham.
P3	Temos pais que acompanham, mas sempre vai existir aqueles que por um motivo ou outro, mesmo cobrando deles, deixam passar despercebidos.
P4	Sim.

QUADRO 08: Os pais costumam acompanhar a educação escolar dos seus filhos.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Percebeu-se que alguns pais têm esse hábito. A professora de número 1 respondeu que raramente os pais acompanham, ou seja, muitos pais aparecem apenas em dias de reuniões e atividades festivas da escola. A segunda respondeu que sempre tem uns pais que são mais freqüentes do que outros, mas estão sempre acompanhando a vida escolar de seu filho. A terceira respondeu que a escola tem pais que acompanham, mas alguns deixam passar despercebida a educação dos filhos, mesmo a instituição cobrando da família que ela precisa se empenhar na vida escolar do filho. A quarta ainda respondeu que sim.

Foi indagado na 2.8 o que você julga ser fundamental para um profissional ocupar essa função.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Capacitação, esforço e realizar um bom trabalho.
P2	Compromisso e fazer o trabalho com amor.
P3	Se qualificar e amar sua profissão, pois torna-se mais prazeroso quando a gente ama aquilo que faz.
P4	Compromisso e responsabilidade com o que faz.

QUADRO 09: O que você julga ser fundamental para um profissional ocupar essa função.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Diante das respostas, é possível perceber que o professor para ocupar essa função precisa ter capacitação, esforço e realizar um bom trabalho, precisa ter também compromisso e fazer o trabalho com amor e dedicação; se qualificar e amar a sua profissão, pois se torna mais prazeroso quando o trabalho é feito com amor, e antes de tudo, o professor precisa ter compromisso e responsabilidade com o que faz.

Perguntou-se se os professores que trabalham na educação do campo recebem orientação da coordenação pedagógica (supervisor, orientador ou técnico educacional), ao que as professoras responderam.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Durante 3 anos de trabalho na escola, recebemos uma visita da coordenação pedagógica por ano.
P2	Sim.
P3	Sim. Através de encontro pedagógico duas vezes por ano.
P4	Recebemos orientação da coordenadora e dos técnicos.

QUADRO 10: Os professores que trabalham na educação do campo recebem orientação da coordenação pedagógica (supervisor, orientador ou técnico educacional).

FONTE: Professores pesquisados 2017

É possível perceber que eles recebem orientação escolar, pois diante das respostas nota-se que mesmo essas visitas sendo com raridade, eles têm um apoio. Em entrevista, as professoras falaram que seria mais fácil se essa coordenação fosse pelo menos por bimestre para verificar as maiores necessidades dos alunos e dos professores, pois essas visitas são raras, e quando acontecem, nada é resolvido, pois ficam apenas nas promessas de que levarão recursos para a educação do campo, mas isso não ocorre. Muitas vezes os professores precisam liberar os alunos para que os mesmos possam vir até a cidade resolver algum problema e isso pode acarretar problemas para o aprendizado das crianças.

Foi indagado na questão de 2.10 se os professores acham que a estrutura é adequada para oferecer um ensino de qualidade para os alunos que enfrentam a escola. No quadro é possível obter as respostas dos educadores.

PROFº	RESPOSTAS
P1	Não. Não é adequada, pois a mesma não possui poço, no entanto enfrentamos muitas dificuldades por falta da infraestrutura e da estrutura escolar.
P2	Não. Precisamos ter muitos investimentos para termos um ensino de qualidade.
P3	Não 100% o suficiente, mas com a reforma e os equipamentos que escola recebeu, ajuda sim, e muito.
P4	Mais ou menos. Não se encontra 100%, mas em comparação a outras escolas, melhorou bastante.

QUADRO 11: Você acha que a infraestrutura é adequada para oferecer um ensino de qualidade para os alunos que frequentam a escola.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Diante das respostas, nota-se que a estrutura da escola não é adequada para receber os alunos, pois a mesma não possui poço e, isso gera problemas enormes para a escola. Uma professora respondeu que o governo precisa investir mais na educação do campo para que o ensino possa ser de qualidade. A terceira respondeu que mesmo a escola tendo recebido os equipamentos, embora tenha ajudado um pouco, não foi o suficiente para suprir as necessidades da escola.

Na questão de número 2.11, foi feita a seguinte pergunta: Na sua opinião, o que falta para melhorar o trabalho dos educadores do campo?

PROFº	RESPOSTAS
P1	Apoio, com certeza.
P2	Tudo. Transporte, um acompanhamento de perto para vê as nossas necessidades, etc.
P3	Quando alguém passar a valorizar os educadores, dando uma oportunidade de dias melhores, investir mais na educação, preparando esses profissionais com um curso preparatórios para que eles venham atuar melhor em sala de aula.
P4	Ser valorizado pelos governantes, principalmente na questão financeira, pois funcionário bem pago, serviço dobrado.

QUADRO 12: Na sua opinião, o que falta para melhorar o trabalho dos educadores do campo.

FONTE: Professores pesquisados 2017

Nota-se que muita coisa falta para melhorar a educação do campo. Percebe-se que a primeira respondeu que se os professores tivessem apoio, com certeza melhora o trabalho dele. A segunda respondeu que falta tudo para que o trabalho dos educadores melhore, ou seja, falta transporte adequado, pois os que são oferecidos pelos nossos governantes, colocam em risco a vida dos alunos e dos professores que precisam utilizar e também precisam tem um acompanhamento de perto da prefeitura para que todos os envolvidos possam ver as necessidades dos professores. A terceira professora respondeu que o os educadores precisam ser valorizados, os investimentos na educação do campo precisam ser de qualidade e com mais freqüência, os professores precisam ter curso preparatórios para que eles possam atuar melhor em sala de aula. A quarta respondeu que ele precisa ser valorizado pelos governantes, principalmente quando o assunto é financeiro, pois segundo ela, “funcionário bem pago, serviço dobrado.”

Ante a todas as questões que foram levantadas, nota-se que a educação do campo ainda enfrenta diversos problemas por não ter um investimento de qualidade, dificultando assim, o trabalho dos educadores que precisam fazer o possível e o impossível para que tenham um bom trabalho, pois mesmo diante das dificuldades, precisam obter frutos e sucesso daquilo que faz. O mais triste é ver o descaso das nossas autoridades que não olham com um olhar diferenciado para este público, sabendo que a realidade desses alunos e professores é totalmente diferente da realidade da educação urbana. Muitos precisam enfrentar dias difíceis, tais como: chuva, seca, falta de transporte, merenda escolar precária; professores precisam enfrentar diversos problemas, que podemos citar: falta de material didático necessário, precisam acordar cedo para atravessar rios com meios de transportes inadequados, mas que no fim das contas, estão todos na escola como vontade de aprender e transmitir.

Quando todos os envolvidos tiverem a ideia de se unirem em prol da educação do campo, com certeza os resultados que todos almejam no fim do ano serão obtidos com sucesso.

3.5 PROPOSTA

Toda profissão sempre terá pela frente desafios que precisam ser superados. No campo da educação não é diferente, principalmente quando se trata da educação do campo, pois os problemas estão sempre aparecendo e são mais nítidos no dia-a-dia. Diante dos relatos das entrevistas, foi possível perceber que os problemas são enormes e muitas vezes levam tempo para serem solucionados, pois isso não depende apenas dos professores que são envolvidos com a educação do campo, mas principalmente dos nossos governantes, que muitas vezes esquecem que existem escolas no meio rural. Nota-se que muitas crianças, adolescentes e jovens deixam de frequentar a escola por que ficam desanimados em estudar, uma vez que preferem fazer as atividades do campo, ajudar em casa, etc. Para eles, não faz sentido ficar quatro horas em uma escola em situação precária, sendo que a família necessita de seu apoio dentro de casa. Isso faz com que abandonem o estudo antes do previsto.

De maneira geral, não podemos ver o ensino do campo como um problema para as estatísticas, mas sim, precisamos olhar com um olhar diferenciado, sabendo que nessas escolas existem pessoas com anseio de aprender e professores com vontade ensinar, mesmo sabendo que desafios sempre virão pela frente, mas que podem ser superados quando há uma força de vontade muito grande de enfrentar esses problemas.

Nesse sentido, cabe à todos os envolvidos, sem exceção, buscar novos caminhos para que a educação do campo possa saber acolher cada alunado que chega na escola com uma vontade enorme de aprender a ler e escrever. Diante disto, propõem-se as seguintes ações para minimizar os problemas levantados.

- ✓ Buscar apoio com a gestão municipal, principalmente com a SEMED (Secretaria Municipal de Educação) um meio de solucionar o problema, uma vez que os nossos governantes precisam deixar de lado a falta de solidariedade e tentar mudar a educação do campo;
- ✓ A escola precisa preparar as crianças e os jovens no meio rural. Desenvolver o amor pelo trabalho na terra e também trazer conhecimentos que ajudem concretamente todas as famílias envolvidas a enfrentar seus desafios nos campos da produção, da educação e da saúde, etc.;

- ✓ É preciso investir na capacitação dos professores. Para que a proposta pedagógica seja renovada é fundamental construir uma nova metodologia de trabalho em sala de aula;
- ✓ Através da luta perseverante, a escola juntamente com a família dos envolvidos precisa proporcionar um relacionamento coletivo entre as crianças, adolescentes e jovens, pois assim desenvolverão os valores de companheirismo, da igualdade e do amor .

Diante dessas propostas, faz-se necessário que todos os envolvidos com educação do campo, ou seja, gestão municipal, corpo docente e administrativo, família e sociedade, olhem com mais atenção para esses alunos que tanto necessitam de uma educação de qualidade e com pessoas com capacidade de enfrentar juntos com elas, todos os problemas que ocorrem nas comunidades em que as escolas estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tem como objetivo analisar as dificuldades que professores e alunos enfrentam no dia-a-dia quando precisam ser deslocarem até a escola para ministrar aulas e aprender, uma vez que ainda é um povo bastante esquecido pelas autoridades, tornando o trabalho do professores bastante difícil e o aprendizado dos alunos bastante precário.

Desse modo, percebemos como a escola do campo tem sido ignorada e deixada fora de grande parte das políticas públicas realizadas nos âmbitos educacionais, por isso que têm resultados pedagógicos insuficientes, altos índices de evasão, grandes números de crianças, jovens e adultos não alfabetizados. Com isso, a educação do campo necessita de olhares diferenciados para que essa visão possa ser modificada.

A pesquisa também procurou analisar a metodologia da educação e dos educadores do campo, sendo bastante importante para que pudesse refletir sobre uma proposta de educação muito mais ampla do que aquela que formalmente conhecemos e somos levados a internalizá-la como única no decorrer de nossas vidas.

Durante a realização de pesquisa, foram evidenciadas as dificuldades que os professores e alunos enfrentam por não poder ter uma educação de qualidade, uma educação digna que todos têm direito. Notou-se que os profissionais ainda são muito desvalorizados, ficando esquecido por todos, tendo que lutar sozinho para realizar um trabalho com dignidade. Foi notória a tristeza dos alunos tendo que enfrentar os problemas para chegarem até a escola, fazendo com que houvesse uma evasão muito grande antes que o ano letivo acabe.

De acordo com as respostas dos entrevistados, percebeu-se que todos anseiam por uma educação melhor, por um local de trabalho que possa facilitar para que os professores ministrem suas aulas. Notou-se também que apesar das dificuldades que enfrentam, o desejo de permanecer na escola é imenso, pois sabem que o estudo é fundamental na vida do cidadão e, isso faz com que muitos vão até o final, pois buscam melhorias de vida.

A escola deve possibilitar às crianças e jovens a continuar na luta pelos seus direitos de cidadania, e isso implica o direito de estudar e para que isso aconteça, o ensino deve sempre partir da realidade vivida pela criança na escola, por esse motivo é que se torna de suma importância que os professores possam ter uma proposta educacional e que esta tenha uma eficácia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido os educadores do campo devem ter uma formação específica para atuar no campo e atender a necessidades dos educandos do campo, esses educadores devem ter uma mente aberta para enfrentar juntamente com os alunos, todos os problemas que a educação enfrenta, calendários que atendam a disponibilidades dos educandos, projeto político pedagógico que seja adequado aos integrantes do campo.

Fazendo uma análise da metodologia aplicada, pode-se afirmar que foi fundamental para minha formação acadêmica pesquisar sobre a educação do campo, pois foi possível refletir em como nem sempre olhamos para os problemas dos outros, mas além de pensar em nossos alunos, precisamos trazer a aprendizagem até eles, respeitando sua identidade, seu contexto e seu cotidiano. Pode-se afirmar também que foi bastante que a pesquisa foi bastante satisfatória, pois todos os métodos foram importantes para que o trabalho pudesse ser realizado com o sucesso almejado.

BIBLIOGRAFIA

MOLINA, Mônica Castagna. Brasil. **Ministério do Desenvolvimento Agrário. Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão.** – Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. **História da Educação do Campo no Brasil.** UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Educação do Campo: identidade e políticas públicas / Edgar Jorge Kolling, Paulo Ricardo Ceriolie Roseli Salete Caldart (organizadores). Brasília, DF: **articulação nacional Por Uma Educação do Campo**, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.º 4.

CALDART, Roseli Salete. **A Escola do Campo em Movimento.** Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA). Brasil. Publicado em 2003. Disponível: www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.htm. Acesso no dia 14/12/2016, às 15h: 50min.

BRASIL.MEC. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. Cadernos de subsídios.** SECAD 2. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. INEP/MEC. BRASÍLIA – DF, 2007.

SOARES, Renata Santos. **Educação do campo e a formação do professor na sociedade atual.** Publicado em 2009. Disponível em: Acesso no dia 14/12/2016, às 16h:42min.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo.** Caderno de subsídios. Brasília: Outubro, 2007

BRASIL.Ministério da Educação.**Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI.**Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012.

BORBA, Sara Ingrid. **Educação rural: uma realidade no chão sem terra da escola do campo / Sara Ingrid Borba.** - - João Pessoa: UFPB, 2008.

SOUZA, Neli Pereira; REIS, Rosini Mendes. **Educação do Campo: Prática Pedagógica.** Publicado em 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/monografiareis.pdf. Acesso no dia 04/01/2017 às 14h:26min.

Teoria e prática da educação do campo: análises de experiências / organizadoras, Carmem Lúcia Bezerra Machado; Christiane Senhorinha Soares Campos; Conceição Paludo. – Brasília: MDA, 2008. 236 p. : il. ; 23 cm.

BRANDÃO, Elias Canuto. **A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA**. Publicado em 2011. Disponível em: www.estudosdotrabalho.org/texto/gt1/a_educacao_do_campo.pdf Acesso no dia 05/01/2017 às 14h:57min.

CASTANHO, Maria E. de Lima e Montes. Os objetivos da educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. 10 ed. Campinas (SP): Papirus, 1995.

LOPES, Ana Maria; FERREIRA, Eudson de Castro. *Tybisirá: Educação do Campo e Visibilidade Social*. Brasília: Idéa, 2004.

SOUZA, MARIA ANTÔNIA DE . **EDUCAÇÃO DO CAMPO: POLÍTICAS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PRODUÇÃO CIENTÍFICA**. Publicado em 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso no dia 10/01/2017 às 15h:12min.

CALDART, Roseli Salete; PALUDO, Conceição; DOLL, Johannes. **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. / Roseli Salete Caldart, Conceição Paludo, Johannes Doll (organizadores). - Brasília: PRONERA : NEAD, 2006.

MACEDO, L. **Ensaios Pedagógicos: como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MAGALHÃES, Luzia Eliana Reis. **O Trabalho Científico: da pesquisa à monografia** – Curitiba: Fesp, 2007. 170p

APÊNDICES



CENTRO DE ESTUDO SUPERIOR DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso- TCC, intitulado: EDUCAÇÃO DO CAMPO.

QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

1- Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Sexo: () masculino () feminino

1.4 Formação: _____

1.5 Tempo de trabalho na Educação do Campo: _____

1.6 Número de alunos por turma que trabalha: _____

2- Questões sobre o tema

2.1 Em sua opinião, o que é ser um educador do campo?

2.2 Você participa dos Cursos de Capacitação para os professores que trabalham na área rural?

() sim () não () Às vezes

✓ Essas formações têm contribuído para melhorar a sua prática de ensino?

2.3 Quais os materiais didáticos e estratégia que você mais utiliza durante as suas aulas?

- | | | |
|---|---|-----------------------------------|
| ☐ cartazes | ☐ Livro didático | ☐ Músicas |
| ☐ cartaz de pregas | ☐ Jogos e brincadeiras | ☐ Ar livre |
| ☐ Contação de história | | |
| ☐ Outros: _____ | | |

2.4 Os recursos didáticos disponibilizados pela escola são suficiente para você desenvolver um bom trabalho?

- ☐ sim ☐ não ☐ Às vezes

Justifique:

2.5 Os alunos de sua turma possuem livros didáticos?

- ☐ sim ☐ não

Caso a resposta seja **SIM**. Os livros são de quais disciplinas? Eles são utilizados com muita frequência?

2.6 Quais são os maiores desafios que você enfrenta para trabalhar no campo?

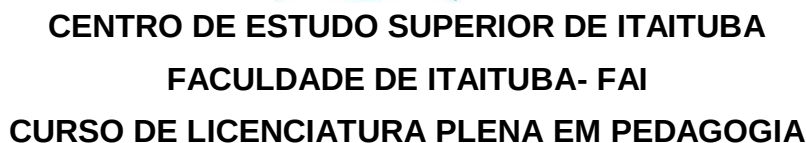
2.7 Os pais costumam acompanhar a educação escolar dos seus filhos?

2.8 O que você julga ser fundamental para um profissional ocupar essa função?

2.9 Os professores que trabalham na educação do campo recebem orientação da coordenação pedagógica (supervisor, orientador ou técnico educacional)?

2.10 Você acha que a infraestrutura é adequada para oferecer um ensino de qualidade para os alunos que freqüentam a escola?

2.11 Na sua opinião, o que falta para melhorar o trabalho dos educadores do campo?



QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Nome: _____
Idade: _____
Sexo: () masculino () feminino
Série: _____

6- Qual é a sua atividade preferida na escola?

☐ estudar ☐ brincar ☐ ver os amigos

☐ ver os professores ☐ outros: _____

7- O que você estuda na escola tem relação com o seu cotidiano?

☐ SIM ☐ NÃO

8- Qual o(s) meio(s) de transporte(s) que você utiliza para chegar á escola?

☐ a pé ☐ bicicleta ☐ carroça ☐ carro

☐ a cavalo ☐ moto ☐ outros

9- Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta para estudar?

10- Em sua opinião, o que você gostaria que mudasse na sua escola?
